



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

FaE
Faculdade de Educação

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS
FIEI/FAE/UFMG**

**ARTESANATOS XAKRIABÁ
SUSTENTABILIDADE, CONHECIMENTOS E
DESAFIOS**

GRADUANDAS:

**EDINEIA MOREIRA SILVA
JANAINE NUNES DA MOTA**

ORIENTADORA: ANA MARIA R. GOMES

CO-ORIENTADORA: SIBELLE DINIZ

BELO HORIZONTE, MG

MAIO 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

EDINEIA MOREIRA SILVA
JANAINE NUNES DA MOTA

ARTESANATOS XAKRIABÁ

SUSTENTABILIDADE, CONHECIMENTOS E DESAFIOS

Projeto de percurso acadêmico apresentado ao curso de licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas como requisito parcial para obtenção do título de licenciado com habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientadora: Prof^ª. Ana Maria R. Gomes

Co-orientadora: Prof^ª. Sibelle Diniz

Belo Horizonte, MG

Maio 2019

RESUMO

O Artesanato Xakriabá tem grande importância para o nosso povo, pois está presente no nosso dia a dia de diversas formas, seja como adereços, como uso doméstico, como forma de resistência e como fonte de renda para muitas famílias. Faz parte da nossa identidade como Xakriabá, através dele reforçamos nossas características. O artesanato tem grande importância na nossa cultura, pois usamos matéria prima da natureza, sem destruir as nossas matas e sem maltratar os animais. Madeira, ossos, sementes, fibra e couro são exemplos dos principais materiais utilizados. Neste trabalho vamos falar sobre o artesanato Xakriabá, destacando a sua importância para o fortalecimento da cultura. Essa pesquisa se deu nas aldeias de Morro Falhado, Barreiro Preto, Sumaré 1 e Sapé localizadas na Terra Indígena Xakriabá (TIX), no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Nosso objetivo foi produzir materiais que possam ser trabalhados nas escolas indígenas e que sejam disponibilizados para outros fins acadêmicos. Visamos também buscar possibilidades e propostas para produção e comercialização sustentável dessa prática. Na metodologia da pesquisa foram utilizadas: entrevistas, fotos, vídeos e áudios. Além disso, realizamos consulta a documentos e levantamento bibliográfico. Obtivemos como resultado da pesquisa um levantamento dos artesãos em atividade na TIX atualmente, e a montagem de material informativo sobre experiências de associações que os artesãos estão tentando constituir. Concluímos que os artesanatos são de total importância para o povo Xakriabá por fazer parte da sua identidade como povo indígena.

Palavras chave: Artesanato, Cultura, Xakriabá, Associações Indígenas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Autora Janaine	10
Figura 2: Barragem do Itapicuru	10
Figura 3: Autora Edineia	12
Figura 4: Aldeia Sumaré I e Casa de Cultura	13
Figura 5: Terra Indígena Xakriabá	16
Figura 6: Artesão Sarvino	21
Figura 7: Artesã Laura.....	22
Figura 8: Anciã Otilia.....	22
Figura 9: Artesão Nei Leite	23
Figura 10: Árvore Tapicuru e bolsa de madeira	25
Figura 11: Osso de boi e colar de osso	26
Figura 12: Semente de Kaité e colar.....	27
Figura 13: Coleta do barro e peças de cerâmica	28
Figura 14: Penas e adereços	28
Figura 15: Coquinhos e adereço	29
Figura 16: Fibra e artesanatos diversos	30
Figura 17: Couro de boi e tamborete	30
Figura 18: Cabaças secas e bonecos	31
Figura 19: Entrega de carteirinhas às e aos artesãos Xakriabás	42

Sumário

INTRODUÇÃO	7
APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS	9
<i>Janaine</i>	9
<i>Edineia</i>	11
APRESENTAÇÃO DA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ	14
DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA	15
ARTESANATOS XAKRIABÁ	17
METODOLOGIA E REALIZAÇÃO DA PESQUISA	20
CAPÍTULO 1	21
O ARTESANATO DOS XAKRIABÁ	21
MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS PARA PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS XAKRIABÁ	24
ARTESANATO COMO FONTE DE RENDA	32
ARTE INDÍGENA E EDUCAÇÃO	33
CAPÍTULO 2	35
OS ARTESÃOS E ARTESÃS DO XAKRIABÁ	35
RELAÇÃO DE ARTESÃOS XAKRIABÁ	36
<i>Artesanatos de osso e madeira: Sarvino Ferreira Gama</i>	37
<i>Artesanatos e móveis: Belarmino Gomes Leite</i>	38
<i>Artesanatos de madeira, penas e cerâmica: Laura Gonçalves de Alquimim Silva</i>	38
<i>Artesanato de cerâmica: Vanginei Leite Silva</i>	38
<i>Relato do artesão Adimar Seixas Lima de 42 anos residente da aldeia Sumaré I</i>	39
CADASTRAMENTO DOS ARTESÃOS XAKRIABÁ	40
CAPÍTULO 3	43
ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS E ARTESÃS	43
MATERIAL INFORMATIVO SOBRE ASSOCIAÇÕES	45
<i>Associativismo</i>	45
<i>Cartilha de Associativismo e Cooperativismo</i>	47
<i>Associativismo e Cooperativismo: uma estratégia de organização empreendedora e solidária</i>	49
<i>Economia solidária</i>	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

AGRADECIMENTOS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXO 1.....	57
ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	57
PARTE I: POR QUE OUTRA ECONOMIA?	57
PARTE II: OUTRA ECONOMIA JÁ ACONTECE.....	60
PARTE III: COMO CONTRIBUIR PARA FORTALECER UMA ECONOMIA A SERVIÇO DA VIDA?.....	61
COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO.....	64
ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	66
ENTREVISTA 1	66
ENTREVISTA 2	72
ENTREVISTA 3	77
ENTREVISTA 4	82

INTRODUÇÃO

Decidimos fazer este trabalho juntas por ambas se identificaram com o tema, tema este que estava presente em um dos seminários que tivemos na FAE (Faculdade de Educação) sobre Arte Indígena. Desde então começamos a pesquisar sobre o assunto e juntas decidimos que este seria o tema do nosso trabalho de percurso acadêmico.

No início, tínhamos em mente falar somente sobre os artesanatos feitos especificamente com ossos e madeira, mas ao longo do trabalho as coisas foram mudando. Durante as pesquisas, notamos que os artesãos em geral tinham muitas demandas e foi então que passamos a falar do artesanato Xakriabá incluindo todos os tipos de artesanato. Ainda com esse pensamento fizemos várias outras pesquisas, mas em uma entrevista feita com o artesão Nei Leite Xakriabá, ele nos colocou várias situações que não tínhamos pensando antes, como: as dificuldades de locomoção, de produção, de geração de renda, entre muitas outras demandas dos artesãos. Foi então que ele nos falou sobre a ideia de criar uma associação dos artesãos para facilitar a venda e a organização dos artesãos.

O tema está envolvido com várias questões, através das pesquisas fomos descobrindo que o artesanato está relacionado com vários outros temas, a arte e a geração de renda que leva ao tema da associação. Depois desse relato, nosso trabalho mudou novamente de rumo, passamos a pesquisar também formas e ações que possam contribuir para a criação dessa associação.

Esse texto está organizado em 3 capítulos. No capítulo 1 temos o artesanato dos Xakriabá, em que descrevemos sobre as entrevistas, quem foram os entrevistados, onde estão localizados, como e com qual objetivo foram realizadas as entrevistas, as matérias-primas utilizadas para a produção do artesanato Xakriabá, quais os tipos mais produzidos, o modo como são feitos e onde podem ser encontrados. Falamos também do artesanato como fonte de renda e uma das nossas grandes preocupações foi em colocar isso como uma alternativa de comercialização que possa gerar renda e permitir aos jovens o engajamento nessa prática e a permanência na aldeia. Nesse contexto começamos a discutir sobre arte indígena, para isso, fizemos leituras sobre o tema que pudessem nos levar a uma concepção sobre arte.

No capítulo 2 falamos sobre o perfil dos artesãos e artesãs Xakriabá, gênero, os meios de comercialização, os canais de circulação para venda e exposição das peças e sobre a organização interna entre eles para o desenvolvimento da prática. Relatamos ainda o anseio dos artesãos em buscar alternativas e parcerias para obter investimentos e projetos.

Organizamos uma planilha contendo várias informações sobre os artesãos tais como, idade, tempo de atividade, tipos de materiais que utilizam, entre outras informações. Falamos um pouco sobre os artesãos que participaram da nossa pesquisa. Ainda neste capítulo falamos sobre o cadastramento dos artesãos Xakriabá, a entrega das carteirinhas e uma lista dos artesãos cadastrados.

No capítulo 3 produzimos uma leitura orientada sobre os temas do associativismo e da economia solidária. Essa parte do texto está organizada em forma de diálogo entre as informações contidas nos materiais consultados e os nossos comentários e reflexões. Dessa forma, pensamos em promover uma interação mais rica com a discussão sobre a criação da associação de artesãos e artesãs no Xakriabá.

Enfim, nas conclusões finais, fazemos uma reflexão geral sobre nosso percurso acadêmico.

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS

Janaine

Meu nome é Janaine, tenho 22 anos sou Xakriabá e moro na aldeia Itapicuru Terra Indígena Xakriabá, sua área que está localizada no município de São João das Missões no Norte de Minas Gerais. Meus pais, Pedro e Dalveni são lavradores e sempre trabalharam na roça para obter seu sustento. Tenho três Irmãos mais novos Vinicius, Wagner e Edivan, minha família reside na aldeia Sapé, aldeia da qual me mudei recentemente. Apesar de residir na aldeia Itapicuru me sinto como se pertencesse as duas aldeias, não só por ter família nas duas aldeias, mas por que considero as duas o meu lar. Essas duas aldeias foram onde aconteceram os maiores conflitos no período da demarcação da terra, onde alguns dos nossos principais guerreiros foram assassinados, entre eles o Rosalino que era a base para o nosso povo naquela época. Praticamente quase toda a minha infância morei na aldeia Barra do Sumaré, onde passamos por muitas dificuldades, não tínhamos água encanada utilizávamos a água da barragem que passava no fundo da nossa casa, também não tínhamos energia elétrica, a gente usava o candinheiro e o lampião. Todas as noites sentávamos no quintal às vezes à luz do luar para conversar. Essa é uma das lembranças da minha infância da qual tenho muitas saudades. Sempre estudei em escola indígena, entrei na escola aos seis anos de idade e enfrentei muitas dificuldades, pois a escola era muito longe e a única que havia por perto, ela ficava na aldeia Sapé, todos os dias uma professora que trabalhava na escola em que eu estudava me levava. Eu estudava de manhã e chegava em casa tarde por conta da distância. Depois de dois anos estudando nessa escola foi criada uma escola na aldeia onde eu morava na época na aldeia Barra do Sumaré I, estudei nessa escola até a 6ª série. No final de 2009 me mudei com minha família para a aldeia Sapé onde, estudei por dois anos até concluir o ensino fundamental. Em 2012 fui fazer o ensino médio na aldeia Morro Malhado e mais uma vez surgiram muitas dificuldades: o transporte estava a maior parte do tempo quebrado ou sem combustível, também faltava merenda escolar durante quase todo o ano, segui em frente mesmo com todas as dificuldades. A minha vontade de estudar só crescia a cada dia mais, queria fazer uma faculdade, conhecer outros lugares. Em 2014 concluí o médio e já tinha feito a inscrição junto com alguns colegas da minha turma para fazer a prova do FIEI-UFMG. Fizemos a prova em março de 2015, fui a única da minha turma a conseguir ser aprovada, foi uma surpresa porque eram muitos inscritos eu estava muito insegura, mas com o apoio da minha família deu tudo certo. Comecei estudar aqui na FAE na área de Ciências da Vida e da Natureza. Durante todo

esse tempo sempre tive o apoio da minha família e amigos, o que foi fundamental para mim conseguir seguir em frente.

Atualmente trabalho como bibliotecária na Escola Estadual Indígena Bukikai, na aldeia Itapicuru onde moro. Também ajudo os professores com o reforço escolar para os alunos que necessitam. Na minha aldeia funciona a escola sede, onde estão vinculadas mais três escolas, temos também o posto de saúde que funciona desde 2007 e atende algumas comunidades. Temos ainda o cruzeiro, local onde ocorreu a chacina em 1987 e onde foram sepultadas as vítimas. Hoje este local é um lugar de reflexão, todos os anos limpamos o local e no dia em que ocorreu a chacina é feita uma reflexão. No dia 12 de fevereiro deste ano de 2019 completaram 32 anos de morte dos Mártires Xakriabá.

Recentemente me casei e fui morar na aldeia em que meu esposo mora, aldeia Itapicuru, a aldeia possui aproximadamente 101 famílias, nela fica a barragem (Figura 2) que foi construída a muitos anos atrás pela CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Paraíba), uma empresa pública vinculada ao Ministério do desenvolvimento Regional. A nossa liderança e vice trabalham em conjunto com o nosso cacique para desenvolvimento da nossa comunidade.



Figura 1: Autora Janaine
Fonte: Manoel Freitas



Figura 2: Barragem do Itapicuru
Fonte: Manoel Freitas

Edineia

Meu nome é Edineia, tenho 22 anos, moro na aldeia Sumaré 1, Reserva Indígena Xakriabá, Município de São João Das Missões MG. Minha mãe se chama Joana e meu pai Domingos. Tenho sete irmãos. Em toda minha vida morei e estudei em território indígena, comecei a estudar muito cedo, na época ainda não tinha o ensino infantil e por isso acabei indo direto para a primeira série. Nos meus primeiros anos de estudos não foi muito fácil, apesar da escola já ter melhorado bastante ainda passávamos por muitas dificuldades, pois não havia salas de aula suficiente para todas as turmas, algumas estudavam embaixo de árvores, na igreja, e até em casas de alguns pais de alunos.

Assim que comecei a estudar no 1ª ano do ensino médio, em 2011, participei do grupo de jovens “Raízes de Xakri” que tinha como objetivo deixar registrado e revitalizar as práticas culturais, com iniciativa dos professores Nenzinha e Joel. Neste grupo produzimos quatro livros, feitos com material reciclável (papelão) e pintados à mão. Foram eles: “Homenagem ao Senhor Elifa”, “Frutinhas do Cerrado”, “Lixo na aldeia Sumaré 1” e “Homenagem ao Cacique Rodrigo Xakriabá”, que teve parceria com Ponto de Cultura “Loas” e Solange Borges, da ONG Trilhas da Serra – Educação, Cultura e Cidadania com o projeto Catapoesia. Participar desse coletivo foi muito satisfatório e acrescentou muitas experiências e conhecimentos na minha formação pessoal, contribuiu e vem contribuindo nos meus estudos.

No ano de 2013 me formei no ensino médio. As escolas em conjunto com a comunidade evoluíram muito e graças à união do nosso povo, demos um passo muito grande na educação. Hoje a nossa escola é diferenciada temos nosso próprio modelo de aprendizado e de organização escolar. O principal foco da escola diferenciada é trabalhar com as disciplinas ligadas a realidade indígena sempre respeitando a cultura, mas, porém os trabalhos estão sempre ligados também ao mundo atual em que vivemos com o objetivo de se formar uma sociedade melhor e lutar pelos nossos direitos.

Depois que me formei procurei alguns cursos para fazer, porém não foi possível por que meus pais não tinham condições de pagar. Foi então que a minha irmã me incentivou a fazer a inscrição para o vestibular do FIEI, então eu fiz a prova e fui aprovada. Em 2015 eu comecei a estudar, na área de Ciências da Vida e da Natureza. No início foi muito difícil, pois, eu não conhecia quase ninguém e nunca tinha viajado para longe dos meus pais e sem eles. O que me

ajudou a seguir em frente foi minha irmã, Valdineia, que já estudava e me ajudou na adaptação.

Minha aldeia possui cerca de 105 famílias, temos a escola, o posto de saúde, a igreja, e é claro a Casa de Cultura. Foi ali onde começou a retomada do artesanato com o Edvaldo, que também foi um dos idealizadores do projeto da Casa de Cultura. Esse é um ponto muito importante em todo território, é muito visitado e é a casa mãe, onde acontecem muitos eventos grandes como, por exemplo, reuniões, seminários, formaturas, eventos culturais, oficinas de artesanatos e outras. Todas essas atividades acontecem na Casa de Cultura, por ela ter muito espaço e mais estrutura para as pessoas de toda a reserva. Tem ainda o Ponto de Cultura Loas e a Rádio Xakriabá 87,9. A organização política da aldeia é composta por duas lideranças que tem a responsabilidade de resolver as questões referentes á aldeia, nas áreas da saúde, da educação e da cultura. As lideranças têm o compromisso de estarem á frente e quase tudo precisa ser passado por elas. Atualmente todos os funcionários da escola são indígenas principalmente os professores. Em 1993 os professores eram não índios da cidade de Itacarambi. Em decorrência disso as lideranças e os caciques lutaram para conseguir uma escola diferenciada, e somente em 1997, após muita luta foi que conseguimos e muitos professores que tinham feito o magistério indígena conseguiram ser contratados para trabalhar na escola Xakriabá. Hoje grande parte dos professores tem magistério e cursos superiores, principalmente formados pelo FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas). A partir dessa conquista fomos evoluindo e cada vez mais substituindo funcionários não índios por funcionários indígenas. Hoje temos: dentista, técnico em enfermagem, enfermeiro, professores, diretores, pedagogos e etc. além de muitos jovens cursando uma faculdade.



Figura 3: Autora Edineia
Fonte: Autora

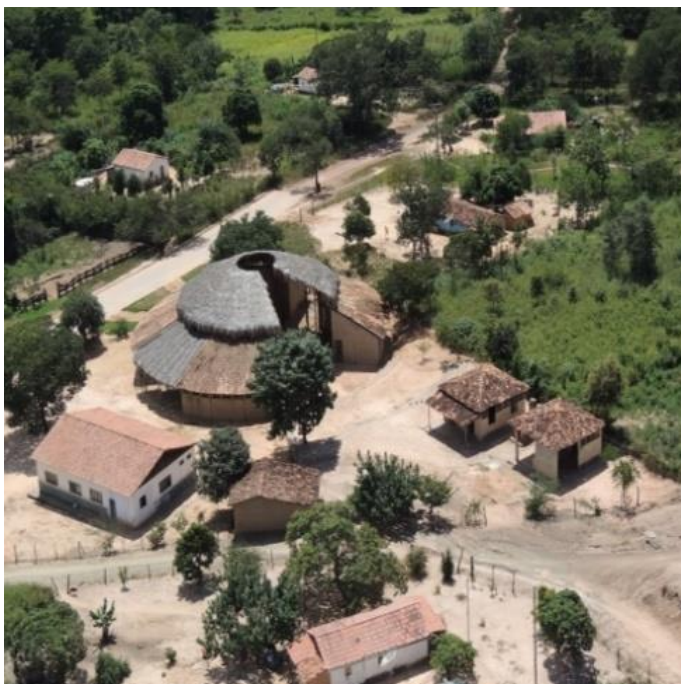


Figura 4: Aldeia Sumaré I e Casa de Cultura
Fonte: Manoel Freitas

APRESENTAÇÃO DA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. Sua área é de aproximadamente 54 mil hectares, com população de aproximadamente 12 mil indígenas, estabelecidos em 36 aldeias e sub aldeias. Pertencemos a família do tronco linguístico Macro- jê, língua AKWEN.

A organização política do nosso povo é composta por 4 caciques e 36 lideranças, que são responsáveis por resolver as questões referente às comunidades e ao território em geral. Assim, todos os assuntos devem passar pelas lideranças, caciques e, se necessário, pelo posto da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que presta assistência aos povos indígenas.

A vegetação predominante é o cerrado e a caatinga, sendo uma região muito seca e com grande escassez de água, mas também muito rica em fauna e flora. No tempo da seca, que geralmente ocorre entre os meses de março e outubro, sua vegetação seca completamente, a água dos riachos, das lagoas e das barragens diminui drasticamente chegando ao ponto de animais morrerem de sede e de fome, as pessoas mudam seus semblantes se entristecem ao ver suas criações morrendo.

No tempo das águas a paisagem muda completamente, surgem novas cores mais vivas, cheiros das flores, brotam também alimentos para os animais, as pessoas plantam suas roças na esperança de obterem uma boa colheita, mais dificilmente isso acontece devido à falta de chuva que tem se tornado cada vez mais constante. Os riachos e lagoas que antes haviam secado voltam a ter água e vida novamente. O tempo em nossas vidas no nosso território está dividido nesses dois períodos, o período da seca que é um tempo de muita luta e resistência, e o período das águas que é tempo de renovação e esperança.

DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA

A história do povo Xakriabá é marcada por árduas lutas e cheia de conflitos com os não índios e pelo resgate da nossa cultura, que em parte foi perdida por conta do contato com os brancos. O nosso território foi demarcado no ano de 1987, após uma grande chacina, no dia 12 fevereiro de 1987, ocorrida na aldeia Itapicuru, da qual o nosso povo jamais se esquecerá. Nessa chacina foi assassinado o nosso grande cacique Rosalino que na época era o pilar principal do nosso povo, como explica o breve relato da anciã dona Otilia.

...Uá eles quis matar ele por que ele esforçava demais, ele avançava muito na luta ai eles inrecho com ele, falavam direto em matar ele que ele era o cabeça, ai por isso que eles inrecharam com ele e queria matar ele. (Entrevista dona Otilia, p.4, 18 de novembro de 2017 às 9 horas da manhã)

Com a chegada dos fazendeiros que iam tomando as terras e impedindo as pessoas de plantarem roças, de construir casas, etc. Muito esforçado, Rosalino lutava por todos, nunca desistia preferia morrer. Ele deu seu sangue pelo o nosso povo, para proteger a nossa terra, e o que mais marcou foi a frase que ele sempre falava como explica o relato de dona Otilia:

Ele ajudava que ele esforçava demais ele era muito esforçado assim na luta, ele não tinha medo de nada nem que ele morria mais ele num ligava não, ele disse que queria ser adubo da terra mais disse que só saía quando ele morria. (Entrevista dona Otilia, p.4, 18 de novembro de 2017 às 9 horas da manhã)

Para não deixar que os posseiros tomassem conta, ele costumava reunir as pessoas para fazer mutirões, para plantar roça e para expulsar os fazendeiros com a ajuda da polícia federal. As mulheres também tinham um papel ativo nesse processo apoiando os homens, cuidando das crianças, das plantações e da alimentação. Naquele tempo, por conta do medo dos posseiros, as pessoas viviam uma rotina de medo, durante o dia elas ficavam em casa e a noite elas iam dormir no mato embaixo de arvores ou cabana. A casa do finado Rosalino, foi invadida as duas horas da manhã por um grupo de grileiros armados, que assassinaram o Rosalino e mais dois indígenas.

...Uá conseguiu por que o povo ajuntava era de mutirão ai ia correr com eles, e tinha a policia também pro lado nosso a federal que ajudava nois, quando nois vinha quebrar milho aqui no mês de abril teve um dia que policia tava andano nessas estrada e ainda levantou bandeira do Brasil ali no tanque, e ai nois ia lá pegar água e a bandeira tava lá bem artona. (p.3)

Deus me livre, foi duro num foi mole não e a luta foi tudo aqui no sapé, lutou tudo quanto é lugar mais o lugar mais forte foi aqui, o pé grosso tava era aqui e o sapé foi famado.(Entrevista Dona Otilia, p.5, 18 de novembro de 2017 às 9:00 da manhã)



Figura 5: Terra Indígena Xakriabá

Fonte: Google earth

A imagem mostra a área da terra indígena Xakriabá. A parte demarcada em vermelho no mapa foi a primeira demarcação da Terra Indígena Xakriabá. O espaço em amarelo é a aldeia Tenda Rancharia, e temos também o estudo da 2ª ampliação do Território Xakriabá.

ARTESANATOS XAKRIABÁ

Este trabalho foi desenvolvido a partir dos catálogos que foram produzidos por Marcelo Correa Franco sobre o artesanato com ossos madeira e sementes, e Vanginei Leite Silva, cuja pesquisa foi sobre a Cerâmica Xakriabá. Estes trabalhos foram realizados ao longo do curso “Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI” de (2006 -2011). Eles apresentam as histórias da retomada do artesanato no território Xakriabá, falam também sobre os artesãos e seus meios de trabalho, de produção e comercialização das peças, contendo ainda um catálogo das peças de osso, madeira e semente e das peças de cerâmica.

O Artesanato Xakriabá tem grande importância para o nosso povo, pois, está presente no nosso dia a dia de diversas formas, seja como adereços ou como objetos de uso doméstico. Como adereços temos: colar, pulseira, brinco, cinto, bolsa entre outros. Para o uso doméstico temos: mesas, cadeiras, potes, bancos, tamboretas, cômodas, gamelas, colher de pau, pilão e até mesmo camas. Antigamente, os mais usados eram para uso doméstico, devido á necessidade que era muito grande, já que nesse tempo tudo era difícil, as pessoas não possuíam nenhum tipo de renda para comprar utensílios domésticos e móveis.

Antigamente eram feitos apenas para uso doméstico e para se enfeitar, tanto que muitas pessoas não consideravam como artesanato, apenas como objeto de troca ou de uso. Como descrito por (Franco, 2017, p. 05) “até cerca de 30 a 40 anos atrás, os artesões locais ainda reuniam a sua produção e levavam no jegue para vender nas cidades mais próximas suas peneiras, esteiras, peças de barro, balaies, chapéus, gamelas e colheres de madeira. Essa pratica desapareceu em tempos recentes. Ela era fundamentada na lógica do fazer e trocar, sem uso do dinheiro”.

Hoje o artesanato é também uma forma de resistência, seu uso se torna cada vez mais constante e presente na vida do nosso povo diariamente. Atualmente os artesãos obtém uma renda considerável com a venda dos artesanatos, expõem seus artesanatos em movimentos culturais e quando saímos para lutar pelos nossos direitos é ele que nos acompanha e se torna uma forma de mostrar presença aonde chegamos.

Com a prática se estendendo cada vez mais entre nós Xakriabá, seu uso se tornou mais constante, de jovens a anciões até crianças passaram a usar o artesanato não só em movimentos e momentos de rituais mais também no dia a dia. Todos gostam de usar pela beleza e pela importância que eles têm na vida do nosso povo, o artesanato faz parte da nossa

identidade como povo indígena. Para os artesãos o artesanato representa muito, além do amor pelo que fazem, ele é também parte na sua renda familiar.

Uma ferramenta muito importante para a retomada do artesanato foi a construção da Casa de Cultura localizada na Aldeia Sumaré I, onde foi projetada inicialmente para ser um ponto de referência do artesanato, tanto para produzir quanto para expor e comercializar, no qual podemos encontrar alguns artesanatos. A casa também é usada para eventos, como noites culturais e reuniões com maior número de pessoas e até mesmo assembleias. Algumas aldeias possuem uma mini casa de cultura.

O artesanato tem grande importância na nossa cultura Xakriabá, pois usamos matéria prima da natureza, sem destruir as nossas matas e sem maltratar os animais. A madeira é de grande importância para nosso povo, uma vez que, a partir dela produzimos vários artesanatos, e estes são uma importante fonte de renda para a comunidade indígena.

Não é preciso destruir a natureza para a sua produção, pois é preciso que a madeira já esteja totalmente seca para que seja feita a confecção do artesanato. Assim podemos fazer o reaproveitamento da mesma sem que árvores sejam derrubadas, preservando as nossas riquezas naturais.

Do osso também se produz artesanato, os principais adereços são: colar, pulseira, cinto, tornozeleira, anel, bolsa e brinco. Muitos acham que é preciso matar os animais para produzir artesanatos de osso e couro, o que não é verdade, pois assim como cuidamos da preservação da natureza, também protegemos os animais. Já que usamos somente os ossos daqueles animais que morreram de forma natural, ou por algum método de caça. O osso de boi é o mais utilizado, devido ao fato de ser mais fácil de ser encontrado, e a carne fazer parte da nossa alimentação.

Decidimos estudar este assunto pelo fato de não ter muitos trabalhos falando sobre o mesmo. Notamos uma necessidade muito grande de pesquisa-lo, já que o utilizamos muito em nosso cotidiano, porém nem todas as pessoas conhecem o significado de cada peça e nem como são produzidos, usam apenas como adereços.

Gostamos muito de usar os adereços feitos de ossos, madeira, sementes, penas, entre outros, pois eles fazem parte da nossa identidade Xakriabá, é uma característica forte do nosso povo, não só pela beleza, mas principalmente pelo o que eles representam.

Esse tema tem grande relevância para nós indígenas, pois com ele iremos deixar registradas muitas informações, que irão servir para que nossa cultura seja mais conhecida e

valorizada. Tudo isso reforça a necessidade de desenvolvimento dessa atividade para o povo Xakriabá, assim como a proposição da criação de uma associação de artesãos.

É importante transmitirmos conhecimentos por meio da oralidade, pois as gerações vão mudando, os nossos anciões vão morrendo. Então registrar esses saberes é de extrema importância para que os conhecimentos e tradições dos nossos antepassados não se percam. Em algumas escolas do Xakriabá já existem alguns trabalhos sobre artesanatos, que foram produzidos por professores indígenas.

Esse trabalho se justifica porque contribui para a valorização dos artesanatos, a partir do registro dos nossos conhecimentos e aprendizados. Além disso, a partir dele podem ser desenvolvidos conteúdos para serem trabalhados nas escolas.

Esperamos com esse trabalho incentivar as pessoas da comunidade para que fortaleçam essa prática. Iremos mostrar o trabalho dos artesãos, as dificuldades que eles enfrentam, suas visões e seus conhecimentos, para que sejam mais valorizados e reconhecidos. Eles não só produzem os adereços que usamos para nos enfeitar como também geram renda, o que possibilita a permanência das pessoas na comunidade.

Esperamos que com este trabalho possamos destacar a importância dessa prática que se torna cada vez mais constante e bastante presente no nosso dia a dia. Nossos artesanatos fazem parte da nossa identidade, através deles destacamos quem somos e de onde viemos, usamos esses adereços também como instrumento de luta, de fortalecimento e cultura. Nossa intenção é valorizar essa prática tão importante, que ainda é desenvolvida por poucos e dar prosseguimento nessa produção através do registro de tudo que é feito e produzido.

Para isso a pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de abordar o artesanato Xakriabá em seus vários aspectos, na economia familiar e na produção ecologicamente sustentável, e de destacar os conhecimentos tradicionais e os desafios que os artesãos enfrentam. Para alcançar esse objetivo mais amplo, buscamos então descrever e demonstrar o trabalho dos artesãos Xakriabá, suas visões e seus conhecimentos, assim como construir um quadro mais amplo de informações sobre eles, de modo a mostrar a importância do artesanato no fortalecimento da cultura e buscar propostas de novas estratégias para essa atividade no território.

METODOLOGIA E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Realizamos pesquisas de campo através de conversas com pessoas da comunidade Xakriabá, onde foram entrevistados artesãos (ãs) e anciã. Adquirimos fotos de acervos pessoais das pesquisadoras, do fotografo Manoel Freitas e também da internet, contendo fotos dos entrevistados, das peças artesanais e das matérias primas.

Realizamos ainda revisão bibliográfica e consultas na internet, especialmente no catálogo sobre Artesanato Xakriabá, de autoria de Marcelo Correa Franco. Na internet, consultamos principalmente o tema da Cerâmica Xakriabá, de autoria de Vanginei Leite Silva disponível na página Minas Indígena.

Obtivemos ainda um levantamento dos artesãos Xakriabá cadastrados pela prefeitura e/ou Secretaria do Meio-ambiente e Turismo de São João das Missões. A partir desse levantamento foi organizado um quadro de artesãos por aldeia e tipo de artesanato através de uma planilha com informações sobre alguns artesãos.

Para conhecer mais sobre associações, obtivemos materiais sobre associativismo, cooperativismo e economia solidária, entre outros. Exploramos esses materiais e selecionamos informações importantes que podem contribuir com o processo em discussão da possível criação de uma associação de artesãos Xakriabá.

CAPÍTULO 1

O artesanato dos Xakriabá

Esta pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena Xakriabá, nas aldeias, Barreiro Preto, Sapé, Morro Falhado e Sumaré I onde contamos com um pequeno relato do artesão Adimar.

Para obter informações sobre o tema, elaboramos algumas perguntas e ao longo da entrevista deixamos o entrevistado a vontade para respondê-las e assim a conversa foi fluindo normalmente.

Escolhemos quatro pessoas para serem entrevistadas, três artesãos pelos conhecimentos e envolvimento na prática do artesanato e uma anciã pela experiência de vida e conhecimentos referente a nossa história de luta. Portanto, as entrevistas se deram nas comunidades Morro falhado, Barreiro Preto e Sapé. As duas primeiras com Sarvino e Laura. Procuramos pesquisar quais eram os tipos de artesanatos que produzem, os materiais utilizados, os significados e a comercialização.

Para a transcrição das entrevistas procuramos respeitar o modo de falar das pessoas, com cuidado de manter a leitura e o entendimento claros. Para tanto, introduzimos trechos de suas falas que conversam com os textos.

Apresentamos abaixo, os entrevistados:



Figura 6: Artesão Sarvino
Fonte: Manoel Freitas

Entrevista 1: Sarvino Ferreira Gama

A primeira entrevista foi concedida pelo senhor Sarvino professor e artesão. Ela ocorreu em sua residência na aldeia Morro falhado, Território Indígena Xakriabá, no dia 13 de agosto de 2017, no período da manhã. Estavam presentes as entrevistadoras Janaine e Edineia, os dois filhos e a esposa do artesão, não houve nenhuma interferência por parte deles. A entrevista foi gravada em áudio e vídeo, além de fotos dele e de alguns artesanatos feito por ele.



Figura 7: Artesã Laura

Fonte: Autoras

Entrevista 2: Laura Gonçalves de Alquimin

A segunda entrevista concedida por Laura, professora de cultura e artesã, residente na aldeia Barreiro Preto, Território Indígena Xakriabá, ocorreu no dia 29 de outubro de 2017 às 9:00 da manhã em sua residência, no local estavam presentes sua filha Bruna e sua neta e as entrevistadoras Edineia e Janaine. A entrevista foi gravada em áudio e vídeo. Com o questionário em mãos perguntávamos e Laura respondia, além disso, a artesã mostrou algumas das suas peças para fazer o registro de fotos.



Figura 8: Anciã Otilia
Fonte: Manoel Freitas

Entrevista 3: Otilia Ferreira de Araújo

A terceira entrevista foi concedida por Dona Otilia Ferreira de Araújo, 68 anos, aldeia Sapé Território Indígena Xakriabá. A anciã que participou da luta do nosso povo Xakriabá, ela relata na entrevista a chacina que ocorreu no ano de 1987. A entrevista foi realizada em sua residência no dia 18 de novembro de 2017 às 9:00 da manhã com a presença da entrevistadora Janaine, e os netos de dona Otilia. A entrevista foi gravada em áudio, vídeo e registro de fotos. Tudo ocorreu tranquilamente sem nenhuma interferência.



Figura 9: Artesão Nei Leite

Fonte: Autoras

Entrevista 4: Vanginei Leite Silva (Nei Leite)

A quarta entrevista foi feita com o artesão Nei Leite se deu no dia 19 de agosto de 2018 às 8:30 da manhã em sua residência, especificamente no seu local de trabalho na aldeia Barreiro Preto, estando presente a família do entrevistado as pesquisadoras e um convidado das entrevistadoras. Na entrevista foram tratados diversos assuntos relacionados ao artesanato. O entrevistado nos convidou para conhecer suas peças em estoque.

MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS PARA PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS XAKRIABÁ

Escolhemos falar sobre esses tipos de artesanatos porque almejamos destacar sua importância. Todos esses materiais são muito importantes como matéria-prima para a produção das peças apresentadas. A dupla de imagens que acompanham as descrições dos materiais, são: a matéria-prima e o artesanato produzido a partir dela.

Madeira

O nosso território possui muitas variedades de árvores, cuja madeira tem várias utilidades. Muitas são específicas para a produção de diversos tipos de artesanatos, como a Imburana,¹ Pau D´arco,² Pereira,³ Aroeira⁴ e Tapicuru⁵. Porém só utilizamos aquelas árvores que já estão secas “mortas”, dessa maneira a utilizamos sem desmatar nossas matas.

Assim, nossos artesanatos são produzidos de forma sustentável, pois não retiramos da mata as árvores saudáveis. O Tapicuru, por exemplo, é uma árvore muito importante para a produção de Artesanatos principalmente porque é uma das melhores para trabalhar já que ela fica com uma cor bem escura e tem mais brilho, está cada vez mais difícil de encontrar por conta do desmatamento e das queimadas. Isto posto, pode-se dizer que a redução drástica de árvores, como Tapicuru, se deve as queimadas acidentais e principalmente pelas queimadas feitas pelos não índios. Como destaca Sarvino, um importante artesão Xakriabá, esses tipos

¹ **Imburana** (*Commiphora leptophloeos*) é uma árvore nativa na Caatinga, no pantanal e no chaco. Seu nome popular deriva palavras em língua tupi y-mb-ú (árvore de água) e ra-na (falso), formando assim a palavra imburana (falso imbu). (Fonte: Wikipédia)

² **Tabebuia**, conhecido popularmente como ipê, pau-d´arco, peúva, ipê e ipeúna é o gênero neotropical mais comum da família *Bignoniaceae*. Em 1878, a lei 6.507 oficializou a flor do ipê como a flor nacional do Brasil. Atualmente, a maioria das espécies de ipês brasileiros está incluída no gênero *Tabebuia*. (Fonte: Wikipédia)

³ O **pau-perceira** (*Platycyamus regnellii*) é uma árvore brasileira pertencente à família *Fabaceae*, que ocorre na Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. (Fonte: Wikipédia)

⁴ **Aroeira** ou **arrueira** é o nome popular de várias espécies de arvores da família *Anacardiaceae* (Fonte: Wikipédia)

⁵ **Itapicuru** (*Goniohachis marginata*), também chamado guarabu, guarabu-batata, guarabu-branco, guarabumirim, guarabu-preto, guarabu-rajado, guaribu, guarabu-roxo e itapicuru-amarelo, é uma árvore de até 18 metros, da família das leguminosas, subfamília cesalpinioidea, nativa do Brasil, especialmente dos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Possui madeira roxa e de uso na indústria de móveis, folhas com dois pares de folíolos coriáceos assimétricos, flores brancas com cinco pétalas de um centímetro de comprimento em espigas fasciculadas e vagens deiscentes coriáceos. (Fonte: Wikipédia)

de queimadas estão comprometendo seu ofício, já que espécies de árvores importantes têm sido destruídas.

Outro aspecto importante: as nascentes têm sido prejudicadas em razão dessas práticas, modificando o ecossistema local. A madeira, encontramos na mata algumas já secas prontas para trabalhar, uma vez que a madeira verde não é a mais adequada para se fazer artesanatos.

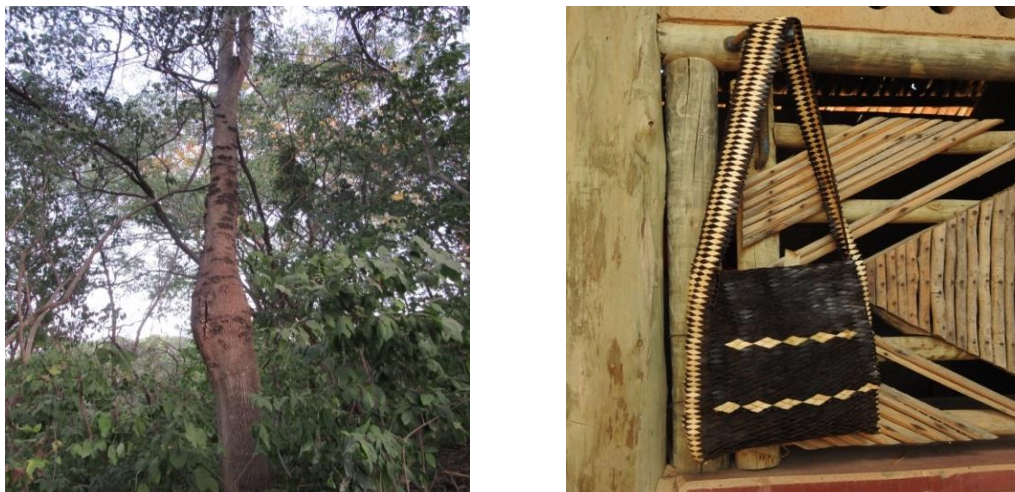


Figura 10: Árvore Tapicuru e bolsa de madeira
Fonte: Respectivamente, autoras e Manoel Freitas

Osso

Desde nossos antepassados a fonte de alimento sempre foi a caça. Logo após o consumo da carne, partes dos animais como ossos, chifres e o couro eram utilizados para a produção de artesanatos. Com o passar do tempo, o desmatamento das matas aumentou bastante e com isso muitos animais entraram em extinção, provocando assim cada vez mais o consumo de alimentos industrializados nas aldeias. Como a carne dos animais de caça se tornou difícil devido a destruição dos seus hábitat naturais passamos então a consumir a carne de boi. Do boi nada é desperdiçado, pois seus ossos também são muito utilizados para produção de brincos, colares, pulseiras, anéis entre outros; seu couro também tem muitas utilidades, fazemos banquinhos e muitas outras coisas, seu chifre também é utilizado para fazer remédio. O osso do boi além de ser mais fácil de encontrar também é melhor para trabalhar, ele tem uma espessura melhor e você consegue fazer as peças de vários tipos e tamanho. Uma técnica muito utilizada é de colocar o osso imerso dentro da água por vários dias, isso serve para retirar o sangue e a gordura do osso para ele ficar branquinho. Os

chifres do veado também são usados para fazer artesanato e também é usado para fazer remédio.

O osso, encontramos mais facilmente nos açougues, pois, ao invés de serem descartados são usados para fazer diferentes tipos artesanatos.



Figura 11: Osso de boi e colar de osso
Fontes: Respectivamente, Minas Indígena e autoras

Sementes

Também usamos as sementes para produzir artesanato, fazemos colares, brincos e pulseiras. Encontramos as sementes na mata e algumas no quintal de casa mesmo. As mais usadas são as sementes do Pau-Brasil, Kaité, Lagrima, Mucunã entre muitas outras. Algumas sementes, como a Lagrima e o Mucunã são bastante conhecidas e usadas porque fecham o corpo, como se fossem uma espécie de amuletos. Usa-se muito a semente pelo seu manejo ser mais fácil.



Figura 12: Semente de Kaité e colar
Fonte: Respectivamente, Edvan Silva Xakriabá e Manoel Freitas

Barro

O barro é utilizado para fazer os mais diversos tipos de cerâmica, com formas e tamanhos diferentes. Cada tipo de barro é ideal para um processo diferente. Há tipos de barro que são mais indicados para fazer a cerâmica, outros, chamados toá, são mais indicados para as pinturas na cerâmica. Para fazer o manejo e preparar o barro, é importante observar a fase da lua porque se fizer em qualquer uma, o barro não presta e pode trincar facilmente, isso acontece quando se faz na lua nova e minguante. No tempo da chuva também não é muito apropriado para fazer a queima da cerâmica porque as peças podem não ficar com um acabamento bem feito. Os tipos de queima mais utilizados são a queima do buraco no chão que é uma queima tradicional Xakriabá, e o outro tipo de queima é o forno colonial.

O barro encontramos somente em algumas aldeias que possuem o tipo de solo mais adequado para essa prática, pois nem todo tipo de barro é adequado para a produção do artesanato de cerâmica. Algumas aldeias possuem solo arenoso, muito seco ou cascalhado, e o tipo de barro mais adequado para a produção da cerâmica é o barro argiloso encontrado mais facilmente na aldeia Barreiro Preto. Além da aldeia Barreiro existem outras aldeias que também possuem esse tipo de barro. O barro é retirado de grotas, nos quintais e em algumas vezes dentro da mata.



Figura 13: Coleta do barro e peças de cerâmica
Fonte: Respectivamente, autoras e Nei Leite

Pena

As penas são usadas nas confecções de vários adereços principalmente para as mulheres. São usadas penas de diversas aves como gaviões, araras, louros, periquitos entre tantos outros animais, e não é necessário matar o animal para extrair a pena. Para as penas ficarem com cores variadas elas são pintadas. São usados vários tipos de pena de aves para a produção de artesanato como pena de galinha, coca, gavião, louro.



Figura 14: Penas e adereços
Fonte: Respectivamente, autoras e Manoel Freitas

Coco

O coco também é muito utilizado para fazer artesanato. Fazemos brincos, colares, anéis, cachimbo, cintos, tornozeleiras e também o maracá, instrumento que nunca pode faltar em nosso ritual, mesmo que não possa ser utilizado por motivo de luto. A palha do coco e as folhas são usadas para fazer cestos e uru. Para dar brilho no coco ele é frito. O coco é encontrado nas matas e algumas vezes no quintal das casas.



Figura 15: Coquinhos e adereço
Fonte: Respectivamente, autoras e Manoel Freitas

Fibra

Temos a fibra do buriti, imburuçu, croata, banana rocha e piteira. Essas fibras são usadas para fazer roupas de palha. Da palha do buriti se aproveita tudo desde a casca, a seda, até o talo. As fibras podem ser trabalhadas verdes ou secas. É possível fazer diversos tipos de artesanatos, como: caminho de mesa, chapéu, peneira, balaio, cestinhas e esteira. A fibra principalmente do imburuçu é muito usada para fazer cordas e amarrações. Existem regiões mais propícias para encontrar a fibra como as aldeias Riacho dos Buritis e Peruaçu.



Figura 16: Fibra e artesanatos diversos
Fonte: Respectivamente, Ponto de Cultura Aldeia Sumaré I e autoras

Couro

Há vários tipos de couro que podem ser utilizados, o mais comum é o couro do boi, mas também são usados couro de gato do mato, caititu, mexila entre outros animais. Do couro dos animais de pequeno porte se faz capangas, tamborete, zabumba, caixa de folia de reis, braceletes e cintos, dentre outros adereços. O mexila também é muito usado para remédio. O couro do boi geralmente é muito usado para fazer tamboretos e chicotes, por conta da sua grande dimensão ele é indicado para essas finalidades. Também usamos o casco do tatu para fazer colar e pulseira. O “cabo” do teiú é usado para fazer anel. O couro do bode e do veado são usados para fazer a zabumba. O couro é facilmente encontrado, pois, em todo o território se consome a carne do boi devido a pecuária.



Figura 17: Couro de boi e tamborete
Fonte: Autoras

Cabaça

A cabaça é usada desde antigamente pelos nossos anciões para colocar água, para fazer o maracá e hoje em dia está sendo usada também para fazer outros tipos de artesanato. A cabaça é plantada no quintal ou na roça e possui diversos tamanhos e formas. Para trabalhar com a cabaça é preciso esperar que ela já esteja seca.



Figura 18: Cabaças secas e bonecos
Fonte: Respectivamente, autoras e Maiane Gonçalves

ARTESANATO COMO FONTE DE RENDA

A crise financeira vem afetando cada vez mais o nosso território, as nossas famílias, os recursos naturais estão ficando cada vez mais escassos, o desemprego aumentando, as coisas de fora estão invadindo cada vez mais as nossas casas. Tudo isso gera uma série de consequências, muitos desistem dos estudos, por falta de oportunidades. É muito comum que os jovens, principalmente os homens, saíam para outros estados em busca de trabalho para sustentar a família, construir casa, comprar automóvel etc.

A maioria das famílias sobrevive basicamente com os programas de governo, como Bolsa Família, aposentadoria e também da agricultura familiar. As poucas oportunidades de emprego que surgem são nos polos de saúde e também como servidores do estado para atuarem nas escolas, porém está cada vez mais difícil conseguir um emprego fixo. Muitos jovens concluem o ensino médio e ficam por anos esperando para conseguir uma vaga, já que muitas vezes não tem condições de fazer um cursinho ou uma faculdade. Economicamente podemos dizer que o artesanato pode contribuir muito na renda de uma família, podendo até mesmo, ser a venda do artesanato a única fonte de sobrevivência como disse o artesão Vanginei (Nei Leite):

“Pensar no caso de uma atividade de gerar renda e no caso do artesanato é uma alternativa auto sustentável que é mais interessante ainda e que vai segurar eles aqui, eu achava que tinha muito a ganhar com isso”.

De acordo com sua fala podemos perceber que o artesanato pode gerar renda através de sua venda e produção. Ele relata ainda que os jovens só almejam oportunidades de trabalho nas escolas o que é um problema sério, pois, as escolas já estão cheias, lotadas. Pensando por esse lado, os jovens poderiam investir muito mais no artesanato para garantirem sua renda familiar. Alguns não tem a oportunidade de ingressar nas escolas e acabam saindo para fora, dessa saída alguns não voltam e quando voltam, voltam com problemas. Ele ressalta ainda que quando forem fazer uma peça, fazer bem feita e agregar valor para o custo ser menor, usando menos matéria-prima. Uma peça bem feita pode ser vendida por um valor bem superior do que uma peça que não teve o devido acabamento. Peças que não foram bem acabadas são vendidas por um valor bem baixo, desse modo a produção teria que ser muito maior o que geraria mais impactos negativos devido a utilização de uma quantidade maior de matéria prima. Ele também lembra que é muito importante colocar a marca do povo Xakriabá nas produções.

ARTE INDÍGENA E EDUCAÇÃO

A maioria ou grande parte dos artesãos são professores, seja de cultura ou outra disciplina, neste sentido, poderia se pensar junto com a direção, o colegiado e os professores uma forma de fortalecer essa prática nas escolas. Criando mais oficinas e aulas práticas para ensinar os alunos a produzir o artesanato, auxiliando no currículo da escola diferenciada integrando os conhecimentos tradicionais da cultura ao conhecimento científico. Como citamos no trabalho e descobrimos na pesquisa, as escolas já estão lotadas, com muitos professores atuando e novas pessoas querendo entrar. Já que a escola é um importante e fundamental instrumento para o ensino e conhecimento, então por que não usar isso de outra forma, trabalhando com um foco maior na área de cultura e arte para ensinar e incentivar os mais jovens a se interessarem e a investir nessa prática, além de formar cidadãos capacitados para a sociedade ocidental, na busca de continuação dos estudos e principalmente, para adquirir conhecimentos para a valorização cultural através da educação indígena diferenciada.

A arte indígena vem cada vez mais ganhando espaço e reconhecimento, o artesanato vem responder a um anseio que os Xakriabás têm o de concretizar as práticas culturais retomando os costumes e tradições e de fortalecimento a valorização da nossa cultura, riquezas e arte, sejam na forma de artesanatos, pinturas corporais, rituais, danças e cantos.

Para nós povos indígenas a arte não está separada do cotidiano, muito pelo contrário, ela está sempre presente de diversas formas e em vários momentos. Desde o nascimento até a morte. Portanto a produção artística entre os indígenas nem sempre são destinadas ao mercado e venda para obter lucros, por trás de figuras, de formas e de objetos, está uma história um conhecimento tradicional e ancestral no qual foi criado e produzido. Entre nós indígenas não se separa arte de artesanato, ambos têm valores culturais, espirituais e emocionais, que não se limitam a valores econômicos, não são considerados como algo que pode sempre ser negociado e vendido. Apesar de também podermos usufruir da comercialização dos artesanatos.

Em seu livro sobre esse tema, Els Lagrou traz uma definição sobre o que é arte e artefato:

Como salientado acima, a grande diferença reside na inexistência entre os povos indígenas de uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados, distinção esta que nem a arte conceitual chegou a questionar entre nós, por ser tão crucial a definição do próprio campo. (LAGROU, 2009. p.14)

Para nós indígenas, não existe uma distinção sobre arte e artefato e a maioria dos indígenas artesãos não necessitam de nenhum tipo de especialização, eles não estudam para se tornarem artesãos, eles já nascem com dom passado de geração em geração, e outros aprendem no dia a dia, na observação, no tentar fazer. Não generalizando, cada povo tem seu próprio modo de fazer e pensar que remetem ao simbolismo de suas artes.

Na TIX produzimos nossas artes pensando em fazer o resgate da nossa cultura, o artesanato é fundamental, pois ele conta muito sobre a história do nosso povo e possui grande significado. É uma riqueza que diz muito sobre o nosso modo de viver e a nossa cultura, por isso, a importância de se valorizar e preservar. É muito importante destacar que não pensamos somente nos valores econômicos, pois, por trás de uma necessidade de produzir está o desejo de apreciar, de preservar e valorizar as nossas riquezas e belezas presente nos artesanatos. Desta forma, a criação da associação dos artesãos Xakriabás pode ajudar nos modos de comercialização, mas não de um modo negativo, e sim de uma forma que possa dialogar com esse contexto de produção de artesanato autossustentável e cultural.

CAPÍTULO 2

Os artesãos e artesãs do Xakriabá

Os artesãos são pessoas que possuem o conhecimento de transformar ossos, madeira e sementes em pulseiras, colares e outros. São artistas que trabalham com prazer, amor e sabedoria naquilo que fazem. Pelo tamanho do nosso território ainda são poucos que exercem esse domínio. A grande maioria são homens, porém existem muitas mulheres que também trabalham com essa prática, além de jovens que cada vez mais estão engajados através de oficinas e atividades relacionadas ao artesanato. Muitos também são professores de cultura nas escolas.

Para estipular os preços de cada peça, são calculados, o tempo gasto na sua produção, o nível de detalhe das peças, as formas e o tamanho, quanto maior o tempo gasto e mais detalhes a peça tiver maior será o seu valor. Outro aspecto importante é o caso da venda, dentro do território o valor é menor que vendido lá fora. Os nossos artesanatos são vendidos em eventos e feiras dentro e fora do território. Os canais de circulação tanto internos como externos são os próprios artesãos, pois, quando saem para vender e expor suas peças levam também peças de outros artesãos.

Uma forma que ajudaria bastante na comercialização do artesanato Xakriabá seria criar uma associação para ajudar os artesãos com os custos e outras questões, pois, muitas vezes deixam de participar de feiras em outros lugares por conta das dificuldades de investimentos em transporte, divulgação das peças artesanais, alimentação, estadia entre outros. Outro objetivo da associação também seria fazer oficinas para estimular e formar outros jovens artesãos, além, de ir em busca de projetos e parcerias. Os artesãos precisam de apoio e colaboração de órgãos e autoridades competentes e capazes de ajuda-los a ter acesso às feiras e eventos.

PLANILHA

Relação de artesãos Xakriabá

	Nome da(o) Artesã(ao)	Aldeia	Sexo	Idade	Tipo de material							Tempo de atividade	
					Argila	Madeira	Osso	Fibra	Couro	Pena	Semente		
1.	Eva Ferreira Pinto da Silva	Barreiro	F	35	X								6 anos
2.	Dalzira Pereira leite	Barreiro	F		X	X							30 anos
3.	Geilson Gonçalves Oliveira	Barreiro	M	16		X							3 anos
4.	Zelina Gonzaga Mota	Barreiro	F	67							X		10 anos
5.	Elza Oliveira das Neves	Barreiro	F	37						X			3 anos
6.	Marlene Gonzaga Mota	Barreiro	F	38						X			
7.	Laura Gonçalves de Alquimin	Barreiro	F	46				X		X	X		5 anos
8.	Fabricio Pereira da Silva	Pedrinhas	M	28		X							7 anos
9.	Josias Nunes da Mota	Olhos D'agua	M	63		X							10 anos
10.	Adimar Seixas Lima	Sumaré I	M	42						X			10 anos
11.	Hercilia Nunes dos Santos	Barreiro	F					X					10 anos
12.	Ivanir Bizerra de Oliveira	Barreiro	F	30	X								9 anos
13.	Vanginei Leite Silva	Barreiro	M	37	X								13 anos
14.	Sarvino Ferreira Gama	Morro Falhado	M			X	X						20 anos
15.	Edvaldo Gonçalves de Oliveira	Sumaré 1	M	48		X	X						22 anos

Esta planilha apresenta os dados de quinze artesãos, através dos seus resultados podemos verificar, que a primeira, segunda e terceira coluna nos mostram a quantidade de homens e mulheres que trabalham com o artesanato na região, sendo que a maioria se concentra nas aldeias Barreiro Preto e Sumaré 1. A quarta coluna, como se pode observar, traz a faixa etária de cada um deles, e é notável a presença de jovens que estão começando a atuar. A quinta coluna têm informações sobre quais materiais cada um trabalha, alguns com mais de um tipo, sendo que, grande parte deles trabalham com madeira e pena, possivelmente por serem os mais fáceis de se encontrar e trabalhar. Na última coluna, pode-se ver quanto tempo eles vem atuando como artesãos, é possível notar que essa prática vem sendo retomada mais ativamente de 20 a 10 anos pra cá, isso por conta do resgate da nossa cultura, principalmente em relação aos artesanatos.

Vale lembrar, que nessa planilha temos apenas alguns dados de poucos artesãos que conseguimos obter, já que são muito artesãos distribuídos por todo território, dos quais, 56 estão cadastrados pela Prefeitura de S.J. das Missões. As informações sobre todos não estão aqui introduzidas.

Artesanatos de osso e madeira: Sarvino Ferreira Gama

Professor e artesão há mais de 20 anos na aldeia Morro Falhado, Sarvino trabalha com adereços feitos de madeira e osso. Através da observação dos artesanatos de outros povos, ele foi aprendendo a trabalhar com um professor de outra aldeia no Xakriabá.

As madeiras utilizadas por ele são o tapicuru e a aroeira, recolhidos já secos no mato. E o osso é adquirido em um açougue no município. As ferramentas utilizadas são a makita e a segueta.

A venda é feita em barraquinhas nas ocasiões de festas e movimentos grandes como, festa do índio, assim como em reuniões para as pessoas da aldeia. Ele também comercializa o artesanato para os não índios que vem de fora. O preço é determinado de acordo com a quantidade de material utilizado e o modelo do artesanato, quanto mais material usado mais alto será o preço.

Artesanatos e móveis: Belarmino Gomes Leite

Artesão e morador da aldeia Sumaré 1, iniciou seu ofício com peças pequenas de osso e madeira, como (colar, pulseira, anel, tornozeleira, bracelete entre outros). Ao longo do tempo foi aprendendo produzir outras variedades de artesanatos, até moveis como (mesa, bancos, tamboretas e cômodas). Geralmente a confecção dos moveis é feita a partir da escolha do modelo que a pessoa encomendou.

Artesanatos de madeira, penas e cerâmica: Laura Gonçalves de Alquimim Silva

Artesã e professora de cultura Laura têm 46 anos e mora na aldeia Barreiro Preto, ela trabalha com diversas variedades de artesanatos, especialmente com penas ela produz brincos, xuchena⁶, xarri⁷ e penachos. Utilizando a madeira também produz (colher de pau, gamela e passarinhos). Com o barro produz (porcelanas, pote, pratos, panelas). Os materiais mais utilizados são o barro, a madeira da imburana, as penas e o coquinho.

A maioria dos artesanatos é vendido através de encomenda, as pessoas encomendam alguma coisa de um determinado tipo ou modelo, seja para formaturas ou casamentos e quando estão prontos é feito a entrega. Além disso, ela vende também em ocasiões de festas, como movimentos culturais, encontros e quando se expõe durante as viagens em outras cidades ou para outras etnias.

Artesanato de cerâmica: Vanginei Leite Silva

Artesão, professor de artes da aldeia Barreiro Preto, trabalha com argila produzindo diversos tipos de objetos como: Moringas e vasilhas sempre inovando nas formas trazendo novos modelos como o próprio artesão relatou “reinventando a cerâmica Xakriabá”.

⁶ Xuchena: Acessório para usar nos cabelos feito com penas, elástico ou Xuxa.

⁷ Xarri: Acessório usado pra prender os cabelos feito com penas e um palito feito de madeira.

Relato do artesão Adimar Seixas Lima de 42 anos residente da aldeia Sumaré I

Hoje eu trabalho com a produção de cocar e os materiais são penas e barbante, o tempo gasto é de quatro horas em cada cocar, me dedico a essa pratica geralmente todos os dias quando não estou na sala de aula. Além de produzir em oficinas junto com os alunos, isso é quando tem materiais. As matérias-primas mais usadas são as penas de aves, agora praticamos o artesanato como pulseira e colar, feitos de madeira e osso.

A venda de tudo que produzimos não fica só dentro do território, também fazemos questão para que seja divulgado externamente. A definição dos preços vem de acordo a cada produto, assim que está pronto a qualquer momento é vendido, outra hora já fazemos por encomenda, as vezes quando viajamos levamos para expor nos encontros em eventos e nas reuniões. É sempre assim que acontece no dia a dia.

CADASTRAMENTO DOS ARTESÃOS XAKRIABÁ

O cadastramento dos artesãos foi um grande avanço para o nosso povo, que há anos vem buscando reconhecimento e melhores condições para exercer seu ofício. No qual os que foram contemplados estarão aptos a participarem de feiras de exposições em todo o território nacional, além de terem um retorno financeiro e valorização do artesanato e incentivo a aumento de sua produção.

⁸O credenciamento foi realizado no final de fevereiro de 2018 pela equipe do Minas Indígena juntamente com a Secretária de Fóruns Regionais- SEEDIF responsável pela emissão das carteiras que tem validade em todo o território nacional. Em dois dias foram credenciados 56 artesões indígenas Xakriabás para receberem a Carteira Nacional de Artesão, feitas a partir de prova de habilidade para o credenciamento de suas peças na Casa de Cultura da Aldeia Sumaré I. Transformando couro, osso e madeira em artes. As carteirinhas foram entregues no dia 19 de abril de 2018, durante a comemoração do dia do índio na Escola Estadual Indígena Bukimuju, na aldeia Brejo Mata Fome.

Houve relatos, dos próprios artesões credenciados de que pretendem criar uma associação para que, juntos, se fortaleçam, aumentando a produtividade e o escoamento das peças. As carteirinhas foram entregues pelo cacique Domingos Nunes, autoridades presentes como o prefeito José Nunes e de algumas lideranças Xakriabás.

⁸ As informações acima foram baseadas e elaboradas com base na publicação do Minas Indígena. <https://www.facebook.com/MinasIndigena/> Acessado em junho de 2018.

Lista dos artesãos Xakriabás que fizeram as carteirinhas:

1. Adimar Seixas lima
2. Agenor Lopes da Conceição
3. Aldair Lopes de Oliveira
4. Anice Gonçalves Macedo
5. Arlinda Cavalcante da Gama
6. Belarmino Gomes Leite
7. Claudinei Lopes Dourado
8. Creuza Nunes de Souza
9. Dalzira Pereira Leite Silva
10. Edileia Pereira Lopes
11. Edilson Alves de Barros
12. Edson Gonçalves Araújo
13. Edvaldo de Souza Lima
14. Edvaldo Gonçalves de Oliveira
15. Erick Correa de Alkimim
16. Eulico de Souza Almeida
17. Eva Ferreira Pinto da Silva
18. Fabricio Pereira da Silva
19. Geilson Gonçalves de Oliveira
20. Ivan de Souza Araújo
21. Genivaldo de Oliveira Santos
22. Ivan de Souza Araújo
23. Ivanela Maria Souza Santos
24. Ivania Souza Neves
25. Jesuíno Alves de Oliveira
26. João Batista Gonzaga Mota
27. João da Costa Barbosa
28. José Alves de Souza
29. José Ferreira Gomes
30. José Santana Ferreira da Cruz
31. José Xavier de Oliveira
32. Juscelio Nunes de Souza
33. Juscinei Teixeira de Oliveira
34. Laura Gonçalves de Alquimim Silva
35. Leomira Araújo dos Santos
36. Luiz Henrique de Souza Silva
37. Manoel Antônio de Oliveira Silva
38. Marcos Correa Cruz
39. Maria Benedita Lopes Gomes
40. Maria Benita Pinheiro
41. Maria Xavier de Oliveira da Silva
42. Maria Zita Barbosa Lacerda
43. Marlene Gonzaga da Mota Santos
44. Marli Gonzaga Mota Alkimim
45. Milton Fernandes Ribeiro
46. Moisés Pinheiro Campos
47. Natalina Gonçalves Santos
48. Neuza Nunes de Aguiar
49. Neuza Pinheiro Campos
50. Osmar Caetano de Queiroz
51. Raquel Lopes de Oliveira
52. Rosilene Pereira da Silva
53. Sarvino Ferreira da Gama
54. Sidney Oliveira Santos
55. Valdir Ferreira de Alkimim
56. Zelina Gonzaga Mota

Fonte: (Secretaria de Meio Ambiente e turismo – São João das Missões)

Foi realizado ainda um pequeno curso com os artesãos que foi chamado de: **Treinamento para trabalhar com turismo rural/ Empreendendo na atividade artesanal.** O período de realização foi de 09/04 a 12/04/2018, com carga horária de 32 horas. Foram 12 participantes sendo que destes, 9 foram aprovados. Tendo sido ministrado pelo(a): Turismóloga-Maria Das Graças De Almeida Moreira Bernardo, com a colaboração da Cooperativa mista dos produtores Rurais de São João Das Missões LTDA, Secretaria de Meio Ambiente e Turismo.

Comentários e reflexões

A carteirinha do artesão foi uma grande conquista para os indígenas e principalmente para os Xakriabás, que foi a primeira etnia a ser beneficiada, as provas de habilidade e cadastramento foram feitas em fevereiro de 2018 e as carteirinhas foram entregues no dia 19 de abril de 2018, dia do índio.

Segundo o projeto Minas Indígena, a carteirinha do artesão irá trazer melhorias e autonomia para os artesãos, propicia o acesso a cursos de capacitação. Ela é válida em todo território Nacional o que garante a participação em feiras, mas, por enquanto, muitos ainda não usaram para ver como funciona. Em um trecho da entrevista de Nei Leite, ele diz que:

... teve o cadastro na época que o pessoal do governo veio ai a esposa do Pimentel né e a turma deles fizeram o cadastro ne ai mais de cinquenta pessoas tem as carteirinhas, e segundo eles facilita o acesso, mais eu ainda não vi assim eles chegando aqui e falando ô tem uma feira lá num sei aonde e vocês que a carteirinha passa a carteirinha ai que cês vão, por enquanto ela ta mais simbólica. (Entrevista Nei Leite, 18 de agosto de 2018, p.2)

As informações acima permitem dizer que os homens ainda são maioria atuando, sendo que desses números, 30% são mulheres e 70% homens, na faixa etária de 15 a 70 anos. Grande parte trabalha com mais de uma matéria-prima; entre elas se destacam a madeira e sementes, e o menos trabalhado é o couro.



Figura 19: Entrega de carteirinhas às e aos artesãos Xakriabás
Fonte: Minas Indígena - 19 de abril de 2018, aldeia Brejo Mata Fome

CAPÍTULO 3

Associação de artesãos e artesãs

A ideia de criação de uma associação partiu dos próprios artesãos pois há muitas demandas e dificuldades em seu ofício. Eles não possuem muitas vezes, nenhum tipo de incentivo e apoio. Então, como resolver essa questão? A associação poderia ser uma boa alternativa? Sim, seria uma maneira de organização entre os associados e iria trazer benefícios para a comunidade e envolvidos. Poderia também ser feito o uso da carteirinha do artesão para facilitar acesso a feiras e eventos, já que uma boa parte deles realizaram o cadastro.

A partir da associação os artesãos podem ser contemplados por projetos, se inscrever em editais, buscar apoio de órgãos e instituições para investir no artesanato. Bem estruturada e organizada a associação pode obter recursos para investir em oficinas, comprar ferramentas, materiais e principalmente conseguir financiamento para as viagens. Por exemplo, quando houver alguma feira fora do território, a associação pode viabilizar a organização e a produção do artesanato que vai ser levado. E mesmo se os recursos não forem suficientes para custear a ida de todos a feira, alguns artesãos podem ir representando o povo Xakriabá levando peças de outros artesãos.

Outra coisa importante também é a troca de conhecimentos, entre os diversos modos e técnicas de produção, através deste intercâmbio de saberes mais habilidades podem ser desenvolvidas. Assim cada um aprende a produzir outros tipos de artesanatos, e com isso podem desenvolver oficinas e formar outros jovens e ir multiplicando os artesãos.

...Fazer um trabalho interessante por que já teve muitas vezes que apareceu feira e a gente num tem o artesanato, num ta preparado, as vezes a gente recebe uma notícia assim tem feira semana que vem, ce vai procurar o pessoal ninguém tem o artesanato pronto, e as vezes se ce ficar organizado começar à produzir de maneira organizada ce já fica preparada pra essas feiras.

A ideia é essa mesmo conseguir projetos, por que esses dias mesmo teve um edital mais tinha que ser uma associação de artesão, a associação que nois tinha aqui não podia receber. A gente perde a oportunidade era um edital interessante podia comprar ferramentas, podia fazer oficina, mais a gente não tava organizado.
(Entrevista Nei Leite 19 de agosto de 2018, p.1)

Seria muito interessante procurar uma maneira de valorizar o trabalho dos artesãos, fazendo com que peças produzidas possam ser vendidas. Se existisse alguma instituição que oferecesse um apoio de conseguir um lugar na cidade que fosse o centro dos artesanatos

Xakriabás, os artesãos poderiam produzir, estipular os preços das peças, se organizar e enviar para esse lugar peças para serem comercializadas ou apenas para deixar expostas para que as pessoas possam conhecer o trabalho.

Para desenvolver é preciso planejar. Reunir com a comunidade, lideranças e caciques, buscar parcerias, conhecer outros tipos de associações, levantar as informações necessárias para a criação desse projeto e principalmente ter união em prol desse objetivo.

Para organizar associações e discutir o tema da geração de renda, que é o que mais interessa, além de tentarmos entender das pessoas porque que elas queriam uma associação tentamos buscar também informações que pudessem nos ajudar a discutir. Sentimos a necessidade de compreender melhor buscando referências como: Cartilha Associativismo, Cartilha de Associativismo e Cooperativismo, Economia Solidária, Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária. Esses materiais nos permitiram entender como funciona uma associação, e o que é necessário para sua criação e desenvolvimento e, dessa forma, fazer o levantamento de informações dos artesãos dos materiais e das suas necessidades. A partir dessas informações, iremos colaborar para que os artesãos Xakriabás consigam alcançar a sua proposta da criação de uma associação de artesãos.

A prática do artesanato faz parte de uma concepção de desenvolvimento sustentável, por que os sujeitos são as coletividades humanas, a forma de democracia é a participação da comunidade e a sua base material é a economia solidária, que é uma forma de trabalhar a ideia de desenvolvimento sustentável.

MATERIAL INFORMATIVO SOBRE ASSOCIAÇÕES

Ao longo da nossa pesquisa, recebemos relatos de artesãos Xakriabás sobre o anseio de criar uma associação para facilitar a comercialização e a produção, com vistas numa perspectiva sustentável. Após revisarmos vários textos sobre experiências de associações, associativismo e cooperativismo, destacamos aqui algumas das principais informações para se criar uma associação.

Associativismo

Principais informações

O Associativismo é um instrumento vital para que uma comunidade saia do anonimato e passe a ter maior expressão social, política, ambiental e econômica. É por meio de uma associação que a comunidade se fortalece e tem grandes chances de alcançar os objetivos comuns. O Associativismo é fruto da luta pela sobrevivência e pela melhoria das condições de vida de comunidades. Associação é uma pessoa jurídica, devidamente registrada em cartório e constituída livremente pela união de pessoas. Essa união acontece para melhoria das condições de vida do grupo e da comunidade. A participação, a solidariedade, a cooperação em torno de objetivos comuns, têm sido fundamentais para assegurar melhores condições de vida das comunidades. Essa prática, mais do que uma forma de organização, é uma construção e uma conquista social. (INCUBADORA SOCIAL DA UFSM, 2015 p.5).

Algumas características:

1. Forma-se pela união de duas ou mais pessoas físicas ou jurídicas com objetivos comuns;
2. Não possui finalidade lucrativa;
3. O patrimônio é constituído pela contribuição dos associados, por doações, por subvenções, etc.;
4. Não há distribuições de sobras entre os associados;
5. Os fins da associação podem ser alterados livremente em assembleia;
6. Os dirigentes não recebem remuneração;
7. São entidades de direito privado. (INCUBADORA SOCIAL DA UFSM, 2015 p.8)

Quais os objetivos?

1. Reunir esforços para desenvolver atividades de interesse comum;
 2. Fortalecer os laços de solidariedade do grupo;
 3. Defender os interesses de todos os associados;
 4. Melhorar a qualidade de vida dos associados;
 5. Promover o desenvolvimento da região ou comunidade onde a associação está inserida.
- (INCUBADORA SOCIAL DA UFSM, 2015 p.9)

Como criar a associação?



Assembleia geral: É a reunião de fundação da associação.

Veja o passo a passo dessa etapa:

- 1º Eleger uma pessoa para presidir a mesa e a assembleia e outra para secretariar os trabalhos;
- 2º Ler e discutir o Projeto de Estatuto Social da assembleia. É a hora de propor sugestões sobre o Estatuto da Associação.
- 3º Votar o Estatuto.
- 4º Eleger os membros da diretoria e do Conselho Fiscal.
- 5º Fazer a leitura da Ata de Fundação, que após aprovada por todos os presentes, será assinada pelos associados fundadores.

Lembrando:

- O estatuto Social é o documento que define as características da associação, bem como as regras que regem sua organização. Deve ser construído coletivamente por todos associados, e, caso necessário, pode ser alterado em assembleia. (INCUBADORA SOCIAL DA UFSM, 2015, p.9-10)

A Associação por um lado, isto traz algumas dificuldades na hora de comercializarem seus produtos e serviços ou adquirirem crédito. No entanto, com a constituição formal da associação, que é simplificada, conseguem desenvolver melhor suas atividades com a união entre pessoas com os mesmos objetivos. (INCUBADORA SOCIAL DA UFSM, 2015 p.19).

Comentários e reflexões

De acordo com a cartilha Associativismo. A estrutura das associações em geral é composta por uma assembleia geral, uma diretoria, um conselho fiscal, um presidente, secretário e diretor financeiro, e é em uma assembleia geral que os membros se reúnem para discutir e votar o estatuto. De acordo com o manual, no empreendimento solidário as decisões são tomadas em conjunto por que não tem distinção entre os integrantes do grupo, por sua vez, eles tem liberdade de dar sugestões e intervir, se necessário. Esse modo de tomar decisões já é muito presente nas comunidades, nas nossas aldeias, e que tem sempre reuniões com a comunidade pra tomar as decisões. Então essa característica do empreendimento solidário dialoga bem com uma característica do povo Xakriabá, que já vem e tem como parte na tradição tomar as suas decisões em conjunto.

Cartilha de Associativismo e Cooperativismo

Principais informações

O cooperativismo é um sistema econômico e social que tem como base as cooperativas. É uma forma de se organizar por meio da união de pessoas, com objetivo de unir forças para atingir desenvolvimento financeiro, econômico e social (Instituto Ecológica, 2007).

Dessa forma, o Cooperativismo nasce da união de vinte pessoas que juntos buscam atingir objetivos econômicos e sociais e tem a finalidade de conseguir benefícios para os seus cooperados por meio de ações coletivas, através de uma gestão democrática e participativa.

O principal objetivo de uma cooperativa é comercializar a produção dos seus membros, permitindo que seus cooperados gerem renda e possam reinvestir parte desses benefícios para o bem comum do grupo. Assim, todos os membros das cooperativas são também donos dela. Assim, ao se constituir uma cooperativa cada cooperado contribui com uma quantia em dinheiro para formar o capital social da mesma. (UFERSA, Universidade Federal Rural do Semi – Árido p.14).

OBJETIVOS DE UMA COOPERATIVA

- ✓ Constituir uma sociedade justa e livre, através de uma organização social e econômica da comunidade em bases democráticas;
- ✓ Atender as necessidades reais dos cooperados, ou seja, prestar serviços a seus associados;
- ✓ Obter um desempenho econômico eficiente, através da produção de bens e serviços com qualidade e da confiabilidade transmitida a seus próprios associados e clientes. (UFERSA, Universidade Federal Rural do Semi - árido p.17).

Comentários e reflexões

Esses dois modelos de organização são muito parecidos e distintos, no entanto a associação seria o mais apropriado para os artesões, porque o modelo dialoga bem com um tipo de associação existente no Xakriabá. A associação não possui fins lucrativos; não possui remuneração nas funções; tem a finalidade de fortalecer as práticas sociais, educacionais, culturais; e pode ser constituída por no mínimo duas pessoas. Enquanto a Cooperativa necessita de no mínimo 20 pessoas, tem maior facilidade em conseguir empréstimos, tem por objetivo o interesse econômico e visa o desenvolvimento das suas produções, por sua vez, é mais complicada e possui muitas exigências, além de que, no cooperativismo, cada um quer ganhar o seu, ou seja, visam primeiramente o seu desenvolvimento financeiro pensando mais nos lucros. Ao contrário de uma associação que é mais simples. Com a união do grupo uma Associação pode ser desenvolvida na nossa comunidade com objetivo de promover economia sustentável, sendo esse modelo mais alinhado com interesses em comum de todos.

Através das leituras chegamos ao ponto que o melhor modelo é o associativismo, ou seja, uma associação é mais simples e dialoga com as necessidades dos artesãos Xakriabás promovendo o desenvolvimento coletivo através da união e participação dos envolvidos.

Mas, a Associação também tem dificuldades, segundo a autora está no processo de comercialização, pois a inexistência de capital social dificulta a aquisição de financiamentos junto as instituições financeiras.

Associativismo e Cooperativismo: uma estratégia de organização empreendedora e solidária

Principais informações

A necessidade humana de viver em grupos sociais

Você já parou para perceber como sempre estamos envolvidos de alguma forma em algum grupo de pessoas? Preste atenção, tente se lembrar de quais e quantos grupos você já participou e participa ao longo da vida. Não se lembra ou acha que nunca se socializou de alguma forma? Duvido! Pense bem!

Pois é, de alguma forma somos constantemente levados a nos reunirmos com outros semelhantes para desenvolvermos alguma atividade. Mas porque será que isso acontece?

Bom, há uma série de teorias que tentam explicar isso. Em geral há o reconhecimento de que o ser humano é um eterno insatisfeito. Sempre que ele consegue resolver algum problema, ele parte para uma nova ordem de necessidades. Essa busca pela satisfação das necessidades faz com que o ser humano se reúna em grupos, dado que sozinho, dificilmente ele conseguiria resolver determinada situação.

Outro aspecto que empurra o bicho homem para os grupos sociais são suas limitações e fragilidades. (Instituto Federal Santa Catarina, 2012 p.4).

Comentários e reflexões

Utiliza-se da argumentação que o ser humano não consegue fazer tudo sozinho, por isso, para que se possa alcançar objetivos e possa desenvolver algo, ele parte para a necessidade de se reunir com outras pessoas já que individualmente nem sempre conseguimos realizar determinadas atividades. O que é relativamente bom, por que significa que as pessoas estão

cada vez mais buscando parcerias e se unindo para obter melhores resultados, criando coletivos e vivendo menos isoladamente.

Aspectos esses que podem formar uma Associação ou Cooperativa, elas ocorrem, não porque o ser humano necessita de outros para sobreviver, mas porque a união faz a força e juntos buscam interesses pessoais e coletivos, se ajudando mutuamente, onde os pensamentos e visões diferentes transmitem conhecimentos e informações, dessa forma eles se juntam e formam organizações para lutar pelos seus interesses, inicialmente com poucas regras e ao longo do seu crescimento e desenvolvimento elas podem aumentar as exigências.

Principais informações

Formalizando as organizações

No momento em que os grupos ficam mais numerosos, eles também acabam ficando mais cheios de regras e impessoais. Por consequência, os padrões apresentam cada vez mais detalhados, e meticulosamente declarados, de forma que os indivíduos possam compreender o que é esperado deles.

Através da organização formal, procura-se remover algumas incertezas e limitações da situação humana, tirar vantagens da especialização de atividades, facilitar o processo da tomada de decisão, assegurar o cumprimento e execução dessas decisões pelos indivíduos participantes.

Entretanto, para se transformarem em **Organizações Formais**, além desse processo de detalhamento e organização dos processos internos é preciso, assim como uma pessoa quando nasce, registrar a organização nos órgãos competentes. (Instituto Federal Santa Catarina, 2012 p.6).

Competitividade X viabilidade

O que propomos é que o eixo da competitividade seja deslocado para o eixo da viabilidade, e que a dimensão econômica não seja a única variável a ser considerada para uma sociedade mercantil, mas também as variáveis sociais, ecológicas e culturais, para termos sustentabilidade dentro de nossos empreendimentos.

Isso significa que, haverá necessariamente a continuidade de utilização da gestão dos empreendimentos, através da administração de organizações e a contabilidade, permitindo a

correta tomada de decisão tendo em vista as soluções mais viáveis para uma sociedade mercantil (Instituto Federal Santa Catarina, 2012, p.12).

No entanto, busca-se, neste momento, desconstruir a necessidade premente de valores da competição, bem como a busca infinita pelo maior lucro a qualquer custo, por uma racionalidade da viabilidade sustentável, onde o resultado final não se mede apenas em termos econômicos, mas também se consideram outras dimensões apregoadas pelo desenvolvimento sustentável. (Instituto Federal Santa Catarina, 2012 p.13).

A importância da autogestão

Quando se fala em autogestão, deve se considerar a autogestão como um processo em criação. Não como uma coisa pronta. Mas, como algo que deve se construir no dia a dia, como conquista. (Instituto Federal Santa Catarina, 2012 p.30).

Economia solidária

Principais informações

O que é Economia Popular e Solidária

A Economia Solidária ressurge hoje como resgate da luta histórica dos (as) trabalhadores (as), como defesa contra a exploração do trabalho humano e como alternativa ao modo capitalista de organizar as relações sociais dos seres humanos entre si e destes com a natureza.

Sendo assim, a Economia Solidária, nas suas diversas formas, é um projeto de desenvolvimento destinado a promover as pessoas e coletividades sociais a sujeito dos meios, recursos e ferramentas de produzir e distribuir as riquezas, visando a suficiência em resposta às necessidades de todos e o desenvolvimento de genuinamente sustentável. (Mineiro Deputado Estadual PT\RN, 2007 p.5)

Origem e cenário no Brasil e no RN

O que hoje designamos de Economia Solidária tem origem na primeira Revolução Industrial, como reação dos artesãos expulsos dos mercados pelo advento da máquina a vapor. Na passagem do século XVIII ao XIX, surgem na Grã-Bretanha as primeiras Uniões de Ofícios e as primeiras cooperativas. Com a fundação da cooperativa de consumo dos Pioneiros Equitativos de Rochdale (1844), o cooperativismo de consumo se consolida em

grandes empreendimentos e se espalha pela Europa e demais continentes. (Mineiro Deputado Estadual PT\RN, 2007 p.7).

A Economia Solidária no Brasil

A Economia Solidária vem se constituindo e se afirmando como uma estratégia de enfrentamento ao desemprego e a exclusão social. O mapeamento da Economia Solidária, realizado pelo Governo Federal desde 2005, revela que o movimento vem em constante crescimento. Atualmente, há no Brasil, algo em torno de vinte e um mil empreendimentos econômicos solidários.

A criação da SENAES- secretária nacional de Economia Solidária, no governo Lula, as inúmeras de ações e fomentos e apoio á Economia Solidária que estão sendo desenvolvidas por outros ministérios e a criação do Conselho nacional de Economia Solidária dá mostras da importância dessa política na construção de um modelo de desenvolvimento socialmente justo. (Mineiro Deputado Estadual PT\RN, 2007 p.8).

Comentários e reflexões

Essa definição de Economia Solidaria citada e explícita, nos ajuda a ter um olhar mais objetivo sobre o que buscamos em uma Associação. Já que esse movimento vem de pessoas com interesses em comum e que buscam melhorias na qualidade de vida e trabalho, bem como jeito de fazer economia justa e que atenda às suas necessidades. No entanto, é mais valorizado o trabalho humano que o capital. Em sua ênfase são adotados princípios primordiais para execução de uma economia solidária, entre eles destacam-se:

A valorização do trabalho em todos os setores e funções; a satisfação de todos como objetivo principal e que atenda às necessidades no eixo das tecnologias e atividade econômica; o reconhecimento fundamental do papel da mulher numa economia fundada na solidariedade; os valores e respeito com a natureza a cooperação e solidariedade; o trabalho, o saber e a criatividade humana são os valores centrais e mais importantes; relações de colaboração social, inspirada por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica num empreendimento solidário; unidade entre produção e reprodução; e principalmente a qualidade de vida e de consumo.

O tema da economia solidária é muito importante e leva a discussão sobre o artesanato a um diálogo muito mais amplo. Por isso, deixamos no Anexo 1 mais uma contribuição de leituras sobre este tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa nos levou a um percurso muito mais longo do que havíamos imaginado. Os temas cresceram e se desdobraram, assim como se desdobraram as possibilidades de colaboração com as pessoas com as quais realizamos a pesquisa – com os próprios artesãos e artesãs Xakriabás.

Hoje conhecemos muito mais sobre quantos são, quem são e como trabalham. Percebemos o quanto a produção de artesanato se tornou uma referência cultural importante e de resistência – que envolve pessoas de todas as idades, e que tem uma expressão muito forte e criativa entre os mais jovens. Começamos também a entender um pouco mais sobre a possibilidade desta atividade ser ambientalmente, socialmente, economicamente, culturalmente e eticamente sustentável. As referências que utilizamos foram de grande importância para o andamento da pesquisa.

No caso da publicação, Artesanatos Xakriabá: Osso Madeira e semente, tem o catálogo das peças, fala-se sobre a história do processo de retomada do artesanato, sobre os artesãos seus locais de trabalho e de venda. Porém não tem o registro do processo de coleta de matéria-prima e do processo de produção, poderia se pensar nessa outra questão. Já o Manual de Cerâmica Xakriabá, possui o registro do processo de colheita do material, do processo de produção, montagem e finalização no caso a (queima) que pode ser feita vários tipos de queima diferentes, mas não possui um catálogo das peças, o que seria uma boa sugestão para o prosseguimento da pesquisa.

Em nossa conversa conclusiva com eles, foi possível também começar a entender o que eles pensam sobre todas essas questões, especialmente quando falam do que pode ser a criação da Associação de Artesãos e Artesãs Xakriabás. Se for alcançado o objetivo de criar essa associação será um grande avanço para a maioria dos artesãos e artesãs Xakriabás, pois facilitará os meios de produção e circulação dos artesanatos produzidos por eles.

Concluimos ainda que existem muitas questões a serem discutidas, mas que pouco a pouco a produção do artesanato tem ganhado mais e mais espaço, sendo visado cada vez mais pelo nosso povo, ganhando reconhecimento e sendo priorizado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecemos a Deus pela vida, por ter abençoado os nossos estudos e o nosso trabalho. Agradecemos a todo o nosso povo Xakriabá que desde o início sempre acreditou em nós, nos apoiou. Agradecemos ao Cacique Domingos e aos demais, agradecemos à todas as lideranças.

Gostaríamos de agradecer a Instituição de ensino (UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais, a (FAE) Faculdade de Educação, ao (FIEI) formação Intercultural para Educadores Indígenas, coordenadores, secretaria, colegiado e os professores que passaram pela nossa turma Juarez, Mateus, Lucinha, Shirley, Pedro Rocha, Elidéa, Marina, Erika, Célio, Kátia, Bortólus, Welington, Pierre, Josiley, Adriano, Charles, Maria Gorete Neto entre outros que não citamos aqui. Em especial aos professores e coordenadores da turma CVN, Célio e Marina. A todos os bolsistas, Rebeca, Natália, Iracema, Áquila, Luz, Marcela e Carol. Agradecemos de coração á nossa turma CVN que esteve sempre presente, nos acolheram e nos apoiaram em todos os momentos. Foram quatro anos de muito aprendizado e demonstrações de carinho. Além de muita troca de conhecimentos por se tratarem de etnias e regiões diferentes.

Agradecemos também as turmas da CSH, LAL e MATEMÁTICA que sempre nos apoiaram e compartilharam conosco os seus conhecimentos. Agradecemos também as antigas turmas LAL, CSH e MATÉMATICA que já se formaram mais, nos acolheram quando chegamos ao FIEI em 2015, em pouco tempo nos afeiçoamos a cada um, nesse pouco tempo que estivemos juntos foram inúmeras trocas de conhecimento e de afeto.

Agradecemos a nossa orientadora Ana Gomes que foi fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, sempre muito atenciosa e dedicada a dar o seu melhor para nos ajudar, com seus conhecimentos nos proporcionou levar o trabalho a diante, nos encontros de orientação suas dicas e orientações foram essenciais para o resultado trabalho. Agradecemos também a nossa Co-orientadora Sibelle Diniz que também contribui muito para o andamento do trabalho.

Gostaríamos de destacar aqui as nossas amigas Maiane, Beatriz, Laura, Marilene, Maemes, Zezinha, Paixinha e Daiane que se tornaram verdadeiras irmãs para nós e nunca nos desampararam, sempre estiveram conosco não importava o momento, por isso, queremos deixar aqui o nosso eterno agradecimento a elas.

Aos nossos entrevistados deixamos a nossa imensa gratidão por terem compartilhado conosco os seus conhecimentos e suas histórias de vida enriquecendo e dando vida ao nosso trabalho. Fizeram-nos aprofundar os nossos olhares para questões que nunca havíamos pensado antes, e coisas que nunca tínhamos visto ou imaginado. Deixamos também os nossos agradecimentos ao fotógrafo Manoel Freitas e a bolsista Victória da turma CSH que também nos ajudou muito na finalização deste trabalho. Agradecemos também aqueles que contribuíram voluntário e involuntariamente para o andamento do nosso trabalho.

Faremos agora os nossos agradecimentos individuais.

Janaine: Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui. Agradeço em especial a minha família que sempre me apoiou, especialmente meu pai e minha mãe que nunca me deixaram desistir mesmo nos momentos mais difíceis, meu pai sempre foi o meu maior incentivador nunca mediu esforços e sempre batalhou para que eu e meus irmãos tivéssemos o melhor. Agradeço a minha mãe que me encorajou quando eu estava sem motivação, aos meus irmãos que também sempre me ajudaram. Também não poderia deixar de agradecer ao meu esposo Edvan que sempre esteve presente ao meu lado me ajudando e me dando força e também dando suas contribuições. Agradeço também a todos aqueles que foram meus professores desde o fundamental I até o ensino médio. Agradeço as lideranças e ao cacique. Dedico todo este trabalho a minha família e ao meu povo Xakriabá do qual tenho muito orgulho.

Edineia: deixo aqui o meu imenso agradecimento a Deus primeiramente, por ter me concedido a vida, por ter iluminado o meu caminho até aqui e jamais me permitiu desistir. Agradeço também a minha família, meus pais por me dar apoio, incentivo e compreensão, e nunca me limitaram a ir à busca dos meus objetivos, se esforçaram para me dar uma boa educação. Aos meus irmãos que sempre esteve do meu lado em todos os momentos, inclusive a minha irmã que me acompanhou no início do curso Valdineia e o meu irmão Ednaldo no final. Não poderia esquecer também de uma pessoa querida, um companheiro e amigo Vinicius, que nos momentos de aflição e desmotivação acreditou em mim, me deu forças e ajuda quando o procurei. As minhas amigas carinhosamente pela amizade, me concederam momentos de alegria, de companheirismo e aprendizado irie levar para a vida toda.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram na minha formação, direta ou indiretamente, pois não iria conseguir chegar a lugar algum sem ajuda, os conhecimentos que obtive jamais serão esquecidos, e as lembranças serão sempre recordadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Campanha da Fraternidade Ecumênica, 2010. **Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC. Fórum Brasileiro de Economia Solidária-** FBES. Economia Solidária, outra economia a serviço da vida acontece.

FRANCO, Marcelo Correa. 2017. **Artesanato Xakriabá: osso, madeira e semente** / Marcelo Correa Franco. -1ª. Ed.- Belo Horizonte: Fino traço, 39 p.

IMS-Instituto Marista de Solidariedade, 2010. **Comércio justo e Solidário.** Caderno 1 da série ``Trocando Ideias``

IMS-Instituto Marista de Solidariedade, 2010. **Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária.** Caderno 4 da Série ``Trocando Ideias``

INCUBADORA Social. **Associativismo. Santa Maria, RS** – 2015.

INSTITUTO Federal Santa Catarina. Florianópolis, 2012 **Associativismo e cooperativismo: uma estratégia de organização empreendedora e solidária.** Cartilha de formação. Elaboração: Estevan Munoz.

LAGROU, Els. 2009. **Arte Indígena No Brasil: agência, alteridade e relação.** Belo Horizonte: C/Arte, 127p.

LEITE, Nei. 2017. **Manual de Cerâmica Xakriabá.** - 1. ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 60 p.

MINEIRO Deputado Estadual. **Economia Solidária.** PT\RN, 2007.

UFERSA, Universidade Federal Rural do Semi – Árido. PET, **Gestão Social, administração UFERSA. PROEXT, Agricultura Familiar:** apoio aos processos de Gestão Social no Assentamento Maisa, Mossoró-RN. Associativismo e Cooperativismo.

ANEXO 1

ECONOMIA SOLIDÁRIA

PARTE I: POR QUE OUTRA ECONOMIA?

Mais informações

Para início de conversa

Um jeito que se tornou comum para pensar a economia parte do princípio de que as necessidades são muitas ou ilimitadas, enquanto os recursos são poucos ou limitados. Isso significa que a economia se orienta pela escassez dos recursos. Daí surgiu a compreensão de que ser econômico (economizar) é ser eficiente, ou seja, fazer mais ou atender mais necessidades com menos recursos, que são escassos. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.9)

1.3. Será que tem jeito?

Por isso, é possível pensar em outras possibilidades de organização da economia que não seja orientada pela ganância pela saúde de lucros que vão sendo acumulados e geram desigualdade. Será que é possível satisfazer as necessidades com os recursos que estão disponíveis. É possível repensar a economia, definindo o que produzir a partir de outros valores: da justiça, da igualdade, da solidariedade? (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.10)

Comentários e reflexões

Fazer economia não tem a ver somente com economizar dinheiro, vai muito mais além que interesses econômicos. Para o nosso desenvolvimento e bem viver na comunidade, procuramos maneiras de trabalhar com o que temos de maneira sustentável, que não nos prejudique e nem fique fora do contexto. Na produção de artesanato, por exemplo, é preciso ter consciência, respeito e cuidado. Quando vai fazer uma peça de cerâmica, é importante saber tirar o barro não pegar somente em um local, aproveitar tirar em lugares com degradação, e no processo de modelagem e acabamento fazer bem feito sempre inovando e reinventando para agregar um valor que não teria necessidade de fazer muitas peças. No caso da madeira, aqui no Xakriabá é muito rica, mas também muitas espécies de árvores estão sendo extintas por conta de queimadas, dado que a madeira já seca é melhor para se trabalhar,

é preciso fazer o reaproveitamento antes que apodreça ou queime. Então, tudo isso faz parte da economia de economizar usar as nossas riquezas naturais mas sem destruir, preservando para dar outros frutos.

É importante falar de Economia Solidaria por que traz um modo diferente de fazer economia, que não traz problemas para a maneira como a comunidade já funciona, nem sempre a economia é feita assim, ao contrário, geralmente alguém tá explorando o trabalho de outros. E no caso da Solidaria temos um tipo de empreendimento onde isso não acontece. Onde tem como objetivo a partilha de igualdades quando é conduzida pela justiça social e ética.

Mais informações

1.4. Pensar outra economia rumo a outro desenvolvimento

A degradação do meio ambiente e o agravamento das desigualdades sociais colocam em risco as gerações presentes e futuras. Em alguns casos, ao contrário da promessa de futuro, o modelo capitalista de desenvolvimento destrói essa possibilidade, assim como destruiu civilizações passadas. Hoje esse modelo tenta destruir ou submeter culturas tradicionais que resistem a sua implantação, promove a máxima exploração dos recursos naturais e introduz técnicas sofisticadas que substituem o trabalho humano, levando a uma degradação das condições de vida da população. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.11)

Outra consequência atual produzida por esse modelo de desenvolvimento é a **CRISE ECOLÓGICA**. O nosso planeta está em crise! Os sintomas de mudanças climáticas globais como consequência do aumento substancial da população atmosférica com concentrações de dióxido de carbono, metano e óxido nitroso, causando o efeito estufa e o aquecimento global, são cada vez mais claros. Os recursos naturais que são vitais á sobrevivência humana dão sinais de escassez e esgotamento: o solo está ameaçado, com parte da superfície agrícola útil da terra em estado de degradação e desertificação; milhares de pessoas vivem em regiões de escassez crônica de água, entre outros sintomas. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.12)

Comentários e reflexões

Este modo de organização da economia solidaria, conversa bem com o tema da associação já que ambas não são geradoras de capitalismo e sim de igualdades, no qual,

procuram desenvolver atividades que sejam partilhadas com todos. Esse modelo busca o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais, preservando as nossas riquezas, além disso, combater a pobreza e a desigualdade social tão presente no nosso dia a dia.

Modelo que pode funcionar com muita força em uma Associação de artesãos e também em outros tipos de organizações. No nosso território estamos sempre buscando instrumentos para atender aos nossos anseios, não só no caso do artesanato, mas também em outros movimentos, podemos citar o extrativismo, agricultura, banco de sementes, casas de remédios tradicionais entre vários outros que desenvolvemos nas comunidades.

Mais informações

1.5. OUTRA ECONOMIA É POSSÍVEL

A visão colonizadora e dominante do sistema econômico capitalista negou e quase destruiu totalmente as outras formas de fazer economia, sobre tudo os modos como os povos e as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, camponeses, entre outros) produziam suas condições de vida, satisfaziam suas necessidades e desenvolviam suas habilidades, considerando e valorizando o meio ambiente, suas crenças e o respeito pela vida. Hoje sabemos que uma economia para ser sustentável tem que estar adequada as condições locais, ao meio ambiente, considerando as diversidades ecológicas – biomas e ecossistemas – e as diversidades culturais, das comunidades e povos tradicionais e etnias. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.13)

1.6. MAS O QUE É ECONOMIA SOLIDÁRIA?

A economia solidaria é um **jeito de fazer atividade econômica** de produção ofertas de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de **autogestão:** ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos(as) os(as) integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são os mesmo tempo trabalhadores e donos. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.14)

Essa outra economia valoriza mais o trabalho do que o capital, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades das pessoas, com a gestão coletiva (autogestão) das atividades econômicas e com a partilha dos resultados do trabalho, considerando o ser humano na integralidade como sujeito e finalidade de atividade econômica. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.15)

- A **ação econômica** é uma das bases de motivação de agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo, o que envolve elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.15)

1.7. A TRAJETÓRIA RECENTE DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Os principais motivos para a criação dos EES são: alternativa ao desemprego (46%), complemento da renda dos sócios (44%) e obtenção de maiores ganhos em uma atividade associativa (36%). Para isso, os EES desenvolvem uma extensa variedade e expressiva quantidade de produtos e serviços, sendo os mais citados aqueles relativos às atividades agropecuárias, extrativismo e pesca (42%); produção de alimentos e bebidas (18,3%); diversos produtos artesanais (13,9%); produto têxtil e de confecções (10%); e prestação de serviços (7%). Esses serviços destinam-se predominantemente aos espaços locais, ao comércio local comunitário e aos mercados/comércios municipais. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.16)

No Brasil, ela ressurge no fim do século XX como respostas dos trabalhadores às novas formas de exclusão e exploração no mundo do trabalho. Nas áreas rurais, a Economia Solidária vem sendo adotada como modelo organizativo das atividades produtivas nos assentamentos de reforma agrária, na agricultura familiar, no artesanato, nas atividades extrativistas tradicionais de pesca, apicultura, entre outros. As comunidades e povos tradicionais, como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, também compreendem cada vez mais a Economia Solidária como estratégia de promoção do etnodesenvolvimento (desenvolvimento com respeito às características étnicas e culturais desses povos). (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.16,17)

PARTE II: OUTRA ECONOMIA JÁ ACONTECE

“Outra Economia Acontece”, estamos nos referindo nas bandeiras tiradas na IV Plenária Nacional do FBES, e que aparecem nas iniciativas de produção, comercialização e

consumo solidário, formação em Economia Solidária, marco legal e finanças solidárias. Essas iniciativas são encontradas em atividades de:

- Associações de artesãos (os); (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.22).

Presenciamos, reconhecemos e valorizamos experiências e processos de produção de alimentos orgânicos e agro ecológicos, de preservação de sementes crioulas, que preservam a cultura e principalmente a segurança alimentar e nutricional de comunidades e povos, de organização de produtores trabalhando arduamente para criar mercados justos (têxtil, artesanato, reciclagem, moradia saudáveis, turismo responsável, entre outros). (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.24)

PARTE III: COMO CONTRIBUIR PARA FORTALECER UMA ECONOMIA A SERVIÇO DA VIDA?

Mais informações

Consumir responsavelmente

De nada adianta sonharmos em outro mundo se em a nossa casa, escola, trabalho, festas, eventos e organização comunitária ainda estivermos consumindo produtos e serviços que são criadores de desigualdade e destroem o meio ambiente. Por isso, uma atitude importante é evitar o consumo de produtos e serviços de empresas convencionais, privilegiando a produção local e preferencialmente da Economia Solidária. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.40)

Montar um empreendimento de Economia Solidária

Para apoiá-lo nessa ideia, existe centena de entidades e universidades (através de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares) que prestam assessoria na forma de cursos e ajudam nos desafios que surgirem. Uma forma fácil de localizar esse apoio é entrando em contato e participando do Fórum de Economia Solidária mais próximo. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.41)

Pressionar o poder público, vereadores e deputados

Se em sua cidade não existe nenhum programa de apoio á Economia Solidária, nem lei aprovada, uma ação importante é buscar conversar e pressionar vereadores e prefeitura para que avancem nesse apoio que promoverá o desenvolvimento local, sustentável e solidário. (CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA 2010 p.42)

Desenvolvimento sustentável e economia solidária

Mais informações

- O desenvolvimento sustentável, que considera todas as dimensões do desenvolvimento para que seja justo, equilibrado e duradouro, enfatiza que:
- O sujeito do desenvolvimento são as coletividades humanas, operando sob autogestão e atuando em redes sociais e econômicas solidárias; coletividades que não podem ser reduzidas a fatores econômicos, tais como capital ou trabalho;
- A forma política desse desenvolvimento é a democracia participativa, consolidando o poder público, assegurando às comunidades o direito de participar e decidir sobre os investimentos e intervenções feitas em seus territórios; (IMS- Instituto Marista de Solidariedade, 2010 p.13).

Comentários e reflexões

Os pontos que relatam no material compreendem que o trabalho livre, independente e que tenham autonomia para buscar resultados nos projetos, bem como na produção de bens e serviços que atendam às necessidades de uma comunidade, para não depender de capital social e nem se satisfazer com lucros do mercado. Dessa forma os consumidores e produtores possam trabalhar de forma sustentável responsável e solidário, buscando o bem viver de todos. Respeitando e protegendo os biomas e os ecossistemas usando apenas tecnologias sustentáveis que não agridem o meio ambiente. Vale lembrar que a economia também quer dizer cuidado, cuidado com as pessoas, com a cultura, com a nossa terra, nossas águas, com a fauna e flora e principalmente com a vida, valores que devem ser priorizados acima de tudo e de todos.

Mais informações

Essa concepção de desenvolvimento pode ser trabalhada nos seguintes aspectos:

- **Político** – promovendo a democracia participativa, a autogestão social e o pleno respeito aos direitos sociais, econômicos, políticos, pessoais, culturais e ambientais; o exercício democratizado do poder, respeitando a soberania popular, fortalecendo as instituições sociais e governamentais, e consolidando em seu conjunto o poder público democratizado, assegurando as liberdades públicas e privadas, eticamente exercidas;
- **Econômico** - promovendo crescimento econômico regional com equidade na distribuição de seus resultados, conferindo atenção especial a reorganização solidária das cadeias produtivas locais, à geração de trabalho e renda e à melhoria dos indicadores de bem-viver das comunidades; recolhendo o saber fazer por estas, derivado de sua permanência em seus territórios, aprimorando-o com novos conhecimentos científicos e tecnológicos;
- **Ecológico** - considerando a integração do ser humano com a natureza, do rural e do urbano; a manutenção do meio ambiente saudável e da biodiversidade do país; satisfazendo as necessidades presentes da população, mas sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades, tendo em conta a disponibilidade dos recursos naturais dos territórios e as vantagens inconvenientes das ações neles empreendidas, em curto, médio e longo prazos; instaurando padrões sustentáveis de produção e consumo; (IMS-Instituto Marista de Solidariedade, 2010 p.14)
- **Social** – viabilizando relações do indivíduo para com a coletividade e vice-versa; integração de produtores (as) e consumidores (as) em redes solidárias mais abrangentes, constituindo arranjos sociais e econômicos que integrem os territórios, seu modo de viver e de se organizar, fortalecendo-os; conferindo atenção especial a educação, saúde lazer e seguridade social em sentido amplo;
- **Cultura** – compondo a valorização das identidades das comunidades e o respeito às suas diferenças; afirmando a solidariedade como princípio ético e como fator econômico, gerando novas solidariedades locais, dialogicamente construídas; valorizando a produção local e a cultura popular e regional;

- **Ético** - afirmando valores que viabilizam as relações humanas centrada na promoção das liberdades, da justiça, dos direitos humanos, da solidariedade e do bem viver de todos as pessoas e povos, bem como na paz entre as nações;
- **Pedagógico** – desenvolvendo praticas educativas que promovam a cultura da cooperação e da solidariedade, a autogestão social, o trabalho emancipado, o consumo responsável e solidário; (IMS-Instituto Marista de Solidariedade, 2010 p.17)

Comentários e reflexões

Sabemos que o capitalismo domina uma grande parte do mundo das grandes a pequenas cidades, o modo de converter capital acaba trazendo prejuízos e consequências graves a população, a sociedade, aos ecossistemas que gera tragédias ambientais e humanas, o que contribuem com as desigualdades socais e a pobreza de milhares de pessoas morrem de fome. Em busca de melhorias e transformações para essa realidade, a economia solidaria no Brasil e no mundo teve um grande crescimento, contribuindo para a sustentabilidade econômica, sustentável e solidário. O que possibilita formar uma rede de micro empresas, em que os próprios trabalhadores são proprietários, gerando trabalho e distribuição de renda.

COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO

Mais informações

“Destacaremos aqui alguns dos principais princípios e objetivos do comércio justo”

- A proteção e a promoção dos direitos humanos, nomeadamente os das mulheres, crianças e povos indígenas, bem como a igualdade de oportunidades entre os sexos;
- A proteção do ambiente e a promoção de um desenvolvimento sustentável;
- Respeito às reivindicações dos povos nativos sobre terras e recursos de importância vital para o seu modo de vida;
- Respeito à identidade cultural dos produtores, com a produção e desenvolvimento de produtos próprios à tradição cultural dos trabalhadores e feitos com base em seus próprios recursos naturais; com o emprego dos seus conhecimentos artísticos,

tecnológicos e organizativos, a fim de preservar-se e desenvolver-se sua identidade cultural.

- Favorecer a expressão das culturas e valores locais, no marco de um diálogo intercultural. (p.18)

“Temos também a cadeia comercial junta e solidária que é composta por produtores, comerciantes e consumidores ambos com deveres e desafios.”

Produtores: são todos que geram produtos ou serviços que atendem aos consumidores. (p.35)

Comerciantes: são todos os compradores que comercializam os produtos oriundos dos produtores primários, varejistas ou atacadistas, operando a venda em lojas, feiras, por catálogos, na internet etc. (p.36)

Consumidores: podem ser quaisquer pessoas, físicas ou jurídicas, que consumam bens e serviços, tais como: empresas, governo (compras públicas), profissionais de qualquer área, produtores, comerciantes, crianças, jovens e idosos. (p.3)

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Entrevista 1

Apresentação: Sarvino

A primeira entrevista foi concedida pelo senhor Sarvino professor e artesão, a entrevista ocorreu em sua residência na aldeia Morro falhado território Indígena Xakriabá, no dia 13 de agosto de 2017, no período da manhã. Onde estavam presentes as entrevistadoras Janaine, Edineia, os dois filhos de Sarvino e a esposa, não houve nenhuma interferência por parte deles. A entrevista foi gravada em áudio e vídeo, além de fotos dele e de alguns artesanatos feito por ele.

Sarvino: Meu nome é Sarvino, sou da aldeia morro falhado na reserva indígena Xakriabá trabalho com artesanato já tem mais de 20 anos que eu trabalho com artesanato.

Janaine: E como que é feito o artesanato através da madeira e do osso?

S: A madeira eu pego ela no mato sabe, trabalho com tapicuru trabalho com a própria aroeira também né o tapicuru eu pego ele no mato pego a madeira já seca no mato ai eu vou desfiando ela com uma makita, ai eu vou trabalhando nela desfiando na segueta ai eu faço com ela vários tipos de artesanato faço posseira, faço colar, vários modelos de colar também. E a madeira é muito boa de trabalhar com ela tem assim um brilho sabe melhor do que todas madeiras né melhor do que a própria aroeira, por que ela tem um brilho uma cor muito pretinha ela tem um brilho que a pessoa não precisa nem tingir ela e da natureza mesmo a madeira é muito especial, que pena que ela tá ficando muito extinta aqui no Xakriabá né e através dos fogo que tem queimado esses pé de serra ai tem destruído muito ela, ai então trabalho devagazim de pouquim, mas o que a gente vai achando vai trabalhando com ela assim mesmo devagazim.

J: E o senhor pega a madeira já seca?

S: É eu pego ela já seca já.

J: E o osso como que é?

S: O osso eu pego ele nos açougue né os açougueiro mata gado ai eu encomendo pra guardar pra mim, ai eu pego lá e chego ai serro eles todinho, a cabeça deles tiro e separo ai eu

pego aquela parte do meio ai eu pego e separo todinho e desfio todinho na makita e coloco dentro da água, ai depois de oito dia já começo trabaiaar com ele, trabalho com ele, e quando paro de trabalhar com ele torno joga dentro da água por que quanto mais joga dentro d'água mais brilho vai dando vai soltando aquela gordura que ele tem o sangue ai ele vai ficando bem clarinho mesmo, ai eu vou trabalhando com ele faço posseira, faço colar, faço brinco, faço anel, cinto, faço o monte de coisa com ele.

J: O senhor consegue se manter assim só com o artesanato?

S: Mais ou menos, tem hora que sim por que a venda do artesanato a gente aproveita mais as ocasiões de festa as vezes quando tem movimento grande as vezes vem muita gente de fora aqui no Xakriabá, a gente aproveita aquela ocasião e vende mais, depende se passar ai quatro ou cinco mês sem a pessoa vende ai tem hora que fica meio apertado também, e depende se a pessoa tiver apertada desaperta rápido também se vender bastante também.

J: E assim como que o senhor aprendeu fazer?

S: O artesanato eu aprendi há uns 20 anos atrás, que a gente não tinha essa cultura aqui né, quando o pessoal daqui começou viajar pra fora então eles comprava os artesanato na mão dos parente e trazia pra qui, então quando eu via aqueles artesanato eu achava muito bonito a gente já tinha perdido a cultura por causa dos branco que tinha chegado aqui tinha invadido impedido a gente de trabalhar. O artesanato tava precisando de mostrar a cultura, quando eu vi aqueles artesanato achei bonito eu fui tentando fazer por mim mesmo, eu fui tentando fazer o artesanato ai eu fui aprendendo devagazim, ai nesse tempo foi, nois foi tentando resgatar nossa cultura de novo, foi o tempo que também o Dé lá do Sumaré ele era naquele tempo, ele era professor ele tinha um pouco de experiência com o artesanato, eu fui um dia na casa dele tralhamos um dia, ai eu fui tentando também resgatar o artesanato foi onde que eu fui aprendendo devagazim até hoje eu to trabalhando.

J: E assim os artesanatos que o senhor faz tem algum significado para o senhor?

S: Tem, assim um significado que é uma maneira da pessoa cultivar aquilo que a gente aprendeu o que a gente sabe né pra pessoa reservar pra ficar na história.

J: E também eu já ouvi falar, não sei se é verdade que o artesanato com osso as vezes ele tem um significado que assim o povo fala que ele tem um lado espiritual, é verdade?

S: Bom, do osso eu não sei se ele tem mas eu ouço vejo falar e acredito que tem o tapicuru, o tapicuru ele é uma peça assim uma madeira bem poderosa a madeira, dizem que

por exemplo a semente dela, quando a juriti come a semente dela que uma pessoa pode atirar na juriti e não pega, mas já ouvi falar assim também que quando a pessoa derruba a pessoa com aquele pedaço do tapicuru disse que se a pessoa cair também já era, diz que adocece né, que pegar nele que a pessoa adocece, é uma madeira muito poderosa nessa parte agora do osso ainda não vi falar não.

J: E qual é mais fácil de trabalhar o osso ou a madeira, ou tem alguma madeira mais fácil?

S: Bom, a madeira a madeira ela é boa assim numa parte por que ela rende mais né tem mais madeira digamos assim, e já o osso é bem mais complicado né o osso além de ele quase não ter rendimento você tem que buscar muito longe e o osso tá ficando muito extinto o gado está acabando, e como a gente vai trabalhar com osso também a gente trabalha por que a gente gosta pra cultivar o que a gente aprendeu, mais o osso a gente ingere muito aquele pó dele a pessoa tá lixando a pessoa ingere muito aquele pó dele no intestino, as vistas vai ficando ruim, as vezes ficar muito perto da pessoa não é muito bom a pessoa trabalhar com o osso mais a gente trabalha, só que a madeira é bem mais melhor né de a pessoa trabalhar com ela.

E: É feito só de osso de boi ou faz de outros animais também?

S: É só do osso do boi, de outro osso não presta não é o osso de boi por que ele tem uma espessura pra aquilo pra você tirar as peças de acordo com o tamanho e a grossura, de outro osso já é fraco, o osso de outro animal nem se fala né, de cavalo então ninguém vai trabalhar com osso de cavalo, é só de gado mesmo.

J: E assim você já ouviu falar de ter alguma artesã mulher que trabalha com isso?

S: Tem, eu tenho uma prima que trabalha com artesanato só que ela trabalha já com outros tipos de artesanatos ela trabalha com pena, com semente né que ela trabalha, e eu já trabalho mais com madeira e osso.

J: E tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar pra gente ou algo que a gente não perguntou sobre o artesanato, você queria falar?

S: Assim o que eu tenho a dizer, é que o que vocês no sentido seria muito bom estudar fazer as pesquisa como essas filmagens ai que vocês estão fazendo, seria muito bom por que o que vocês estão hoje aprendendo seria a parte do estudo e com isso vocês estão aprendendo também a valorizar a cultura também dos Xakriabá né, eu fico sem graça por que o estudo eu

já não tenho quase, e vocês já aprendeu os dois a parte do estudo e um pouco a parte do artesanato.

J: Mas mesmo a gente sendo estudada a gente pode não ter o conhecimento que o senhor tem né.

S: Mas vocês vão aprendendo né devagazim, através das procura das entrevistas vocês vão aprendendo como é que faz como é que não faz, mas seria muito bom vocês estão de parabéns nessa parte aí.

J: Quais eram os parentes em que o senhor se referia?

S: Era outras etnias né, é que nessa época que os pessoal começou viajar daqui pra lá, lá pras outras etnias, então lá foi conhecendo esses povo e foi aprendendo a chamar de parentes né, por que tudo é parente na verdade são as etnias lá fora.

J: E o senhor sabe que etnias eram essas?

S: Nesse tempo era os Pataxó da Bahia, coroa vermelha, era os Maxakali e os Krenak que eles ia visitar eles, e foi tomando conhecimento e uma vez aconteceu lá em coroa vermelha aconteceu esse encontro lá.

J: Ai você foi daqui pra lá?

S: Eu mesmo não fui não, quem foi o irmão meu finado Francisco que faleceu em final de 2005, ele que foi pra lá ele falava que foi muito bom lá inclusive esse tempo o pessoal até que não tinha conhecimento de sair assim né, aí teve umas pessoa idoso que foi chegando lá e eles começou a ter lá tipo assim um confronto com os segurança com a policia militar, até que ele não queria ele estava no meio deles lá pra tá tomando conhecimento dos direito, até que teve umas pessoa daqui que uns idoso daqui adoeceu lá, uns deu dor de barriga e outros sentiu até alguns tipo assim parada cardíaca e passou muito mal por que não tinha conhecimento daqueles negócio. Ai eles viu que era uma barra muito pesada também que eles tava enfrentando ali também que eles tava pra enfrentar cada vez mais pra conhecer seus reconhecimento dos direito, ai uns passou até mal lá.

J: E o senhor mesmo, quando foi que o senhor encontrou com outros parente?

S: Esses outros parentes já tem mais de 20 anos que eu comecei encontrar com esses parente, dessa vez teve uma época eu tive lá em Brasília eu fiquei lá na FUNAI muito tempo, lá eu fui conhecendo muitos parente, conheci os xavante, os kunió, caiapó vários parente lá eu

conheci, mais de 20 anos atrás ai fui tomando conhecimento com eles ai a gente foi resgatando os costumes que a gente perdeu.

J: E como é que foi, foi em algum movimento?

S: Lá em Brasília num as veze a gente ficava na FUNAI naquele tempo, tinha a FUNAI a gente tinha aquele direito sabe, pela FUNAI a gente ia pra lá, hospedagem tudo era por conta da FUNAI a FUNAI bancava tudo na hospedagem, a FUNAI bancava também era a passagem da gente de volta pra gente vim embora, ela pagava tudo dava até lanche dinheiro pra pessoa lancher na estrada né, tudo era por conta, ai ficava lá o tempo que quisesse na FUNAI e lá a gente ia conhecendo outros parentes que ia chegando ali buscando seus direitos e outros ia pra pedir demarcação da terras né pras terras ser demarcada, eles estava ali correndo atrás pra ser demarcada. As vezes vinha algumas ou um representante da FUNAI ou até mesmo o presidente da república né, eles fazia, queria abolir com nossos direitos indígenas, então eles tão ali também quando de repente acontecia que eles queria abolir com os direitos dos indígenas, então o pessoal ali o pessoal já corria atrás de repente já jogaria por terra aquele projeto deles né, jogava por terra então eles conseguia tá vencendo e cada vez mais foi conseguindo os direito, mas graças a Deus por que ali tava a FUNAI assentada ali pra receber os povo indígena, então o povo já ficava ali de repente já conhecia, de repente já tava correndo atrás pra defender os direito ai foi o tempo que eu já tava lá tomando conhecimento e fui conhecendo.

J: Foi algum deles que ensinou para o senhor ou foi alguém daqui os primeiros que o senhor fez?

S: Bom, foi a gente já quando foi andando a gente foi tomando conhecimento com eles, a gente foi conversando com eles como é que era a maneira da pessoa até mesmo trabalhar com o artesanato, como eu sou artesão né, fui vendo os artesanatos deles e fui tomando conversa com eles, eles foi mim ensinando também é desse jeito é daquele jeito, até que uns falava pra mim que aquele ali era uma maneira de sobreviver ai eu fui aprendendo também, tentando aprender.

J: Qual dos povos trabalhava com osso e madeira?

S: Com osso e madeira lá eu vi alguns povo trabalha assim que vendia, sabe? Foi mais um pessoal da Bahia que trabalha com osso e madeira, também tem os Xukuru Kariri também trabalhava com osso e madeira, só que eles assim não é assim não trabalhava definitivamente com

osso e madeira, talvez trabalha pouco eles fala que os osso ele dá muito pó né, então a pessoa ingere muito aquele pó no nariz, então eles trabaia pouco, não é muito assim. Agora eu comecei aprender a trabaia e graças a Deus é o que eu mais trabaio com artesanato do osso e madeira aqui na região sou eu.

J: Eu queria que o senhor falasse um pouco como foi o período da invasão aqui dentro, por que foi nesse período que perdeu um pouco o artesanato.

S: Eu creio que essa invasão ela começou há muito tempo não sei, o finado meu pai falava que nos anos 70 mais o menos assim os povo começo chegar né, nesse tempo eu não tinha nascido que eu sou de 78, mais ai é quando esses povo foi chegando aqui pra dentro aqui, o finado meu pai falava que alguns vendia os pedaço de terra né alguns pedacinho e vendia pra esse povo, ai chegava e fazia o acampamento deles ai como o terreno era um terreno muito vasto mermo, não tinha divisão né então eles aproveitava daquele direito que eles tinha comprado. Então eles ia cercando a frenteira deles tudo eles ia cercando tudo, ai como essas pessoa lá de fora os não índios tava lá fora e ia vendo aquele negócio como eles tava os povo tava chegando aqui os povo tava tendo esse direito, eles foi chegando cada vez mais então eles chegava comprar um pedaço de terra e eles ia cercando mei mundo de terra comprava um pedaço só pra ter direito de entrar, depois eles ia cercando o que tava na frente deles eles ia cercando tudo, e ai foi chegando foi chegando invadindo e invadindo, até que chegou um tempo que a própria FUNAI o pessoal daqui foi vendo que os direitos não era deles que era uma terra indígena, eles correu atrás e recebeu os direito de demarcar esse pedaço de terra. Ai meu pai até que falava que nesse tempo que ele quase morreu por varias vezes, as veze pai tava fazendo um vaquejador pra ele fazer uma cerca, dai chegou um fazendeiro e procurou pra ele assim que por que razão que ele tava fazendo aquele vaquejador pra ele fazer aquela cerca que o terreno não era de meu pai. Meu pai falou: não esse terreno aqui é nosso por que aqui quando vocês chegaram aqui nois já tava, e pai falava que era uns três fazendeiro, cada um armado cada um com o revolver assim na cintura, porque naquele tempo não sei, eu ouço falar que naquele tempo o pessoal aqui eles andava armado. Não tinha assim policia sabe pra dizer que não podia andar armado, então cada um podia andar armado e até mostrar revolver uns pros outros, fazer negócio, e era uma coisa comum como se o povo tivesse usando qualquer ota coisa normal, e esse homi passou por ele tudo armado e falou: pois é eu vou ver ali oce não pode cercar aqui não, pai pegou e continuo fazendo o vaquejador pai fez a cerca. Ai graças a Deus não teve nada foi ai que vei logo a FUNAI ai demarcou a terra, foi uma

briga danada nessa época, muitos morreram teve uma invasão ai que matou o finado Rosalino o trem foi fei nessa época.

Entrevista 2

Apresentação: Laura

Entrevista concedida por Laura, artesã e professora de cultura da aldeia Barreiro Preto, território Indígena Xakriabá. Fizemos a entrevista no dia 29 de outubro de 2017 às 9:00 da manhã em sua residência, no local estavam presentes sua filha Bruna e sua neta e as entrevistadoras Edineia e Janaine. Foi gravada em áudio e vídeo, com um questionário em mãos a gente perguntava e Laura respondia, além disso, a artesã mostrou algumas das suas peças para fazer o registro de fotos.

Laura: Eu me chamo Laura né, mais todo mundo me conhece como Laurinha eu tenho 44 anos de idade.

Janaine: E a quanto tempo a senhora trabalha com o artesanato?

L: Na verdade desde eu pequena né que eu sempre inventava alguma coisa né, candinheiro mesmo que antigamente a gente usava candinheiro então através daquilo ali a gente ia fazendo pros vizinhos pros parente e cada vez que surgia alguma ideia a gente ia praticando, aqueles cachimbinho de coco eu fazia também as pessoas mais velhas encomendava ai. Mas a gente começou a praticar mais, mais mesmo assim depois que teve o resgate da cultura né ai a gente ia busca o que a gente não sabe a gente ia em busca para gente aprender com outra pessoa e o que a gente aprende a gente vai ensinando pros outros.

J: Quando a senhora começou? foi alguém que ensinou ou a senhora mesmo foi tentando, como foi?

L: Na verdade algumas coisa eu mesmo que ia tentando né e outras tem uma cunhada minha também que é professora de cultura que ela é bem ela faz muitas coisas assim de artesanato, algumas coisas que eu não tentava sozinha buscava parceria com ela a gente ia tentando, ensinando uma para outra.

E: Foi difícil aprender?

L: Não difícil não, na verdade é difícil se a gente dizer não né se a gente nunca tentar, por que eu vou fazer um artesanato ele vai sair ruim não vai sair bonito, mas se a gente não

tentar não ir praticando para cada vez ficar melhor a gente não consegue né, mais sempre tem que dizer o sim, mas né coisa assim dependendo do que a gente gosta também, que tem pessoa que não gosta de fazer um artesanato mais já gosta de outra coisa né. Então vai da vontade de cada um meu modo de pensar não é só assim que trabalha não depende se querer.

J: E assim por que até a senhora continua fazendo artesanato?

L: É na verdade por que eu gosto eu queria um tempo só para isso né, por que tem bastante encomenda tem hora que a gente faz depende também o material que tá difícil, a gente sempre faz alguma coisinha assim mais fácil e a gente também ensina na sala o que a faz em casa as horinhas, e eu gosto muito principalmente de fazer artesanato, fazer música, é cantar assim ne movimento que a gente sempre faz recepção de gente que vem de fora, a gente tem um grupo, então tudo isso faz parte da cultura da gente, eu acho assim que é o gostar mesmo.

J: E a gente começou a fazer o trabalho a gente percebeu que tinha mais homens fazendo artesanato de ossos e madeira. A senhora também faz?

L: Faço, num to assim praticando na verdade por que como gente trabalha na sala a gente não tem aquele tempo suficiente né a gente faz assim as horinhas, a gente recebe muita encomenda de várias coisas variadas não é de uma coisa só, ai fica bem complicado para gente trabalhar, ai na verdade é só artesanato que a pessoa encomenda, aquele ali mesmo tá pra entregar ai não da para gente fazer um tanto para colocar para vender mas alguma vez que sobra uma folguinha a gente faz, faz dentro de casa as horinhas mais também faz oficina com os alunos com os professor e também com o professor do tempo integral a gente reúne com eles para fazer oficina ai a gente vende o artesanato, já faz para escola também.

J: E por ser mulher tem algum tipo de preconceito?

L: Assim por fazer parte do artesanato não, que eu lembro não.

J: E que tipo de artesanato a senhora produz?

L: É na verdade eu faço cerâmica coisa de barro, faço brinco, xuchena, xarri, coca chama penacho, é saia de palha, top, se tiver madeira eu faço gamela, colher de pau, e algum desenho assim de passarinho, a madeira também tá muito difícil não tá achando assim não.

J: É difícil produzir?

L: Não, não é muito difícil não a madeira que é complicado, mais ela dependendo do tipo de objeto que for construir fica assim se for mexer com serrote makita ai fica pesado pra gente que é mulher, mais perigoso também, mas a gente já tá acostumado com isso, da pra aprender um pouquinho de tudo e fazer também. De primeiro a gente enfrentava até machado ai a gente faz ai, e tem uma cunhada minha também que é bem boa assim na parte de fazer coisa de madeira, é passarinho, é loro é viado, tatu de tudo que ela imaginar ela faz.

E: A senhora mesmo tira os matérias igual a madeira?

L: É, as vezes meu marido também ajuda, mas é por que tá difícil mesmo a madeira a Imburana tá bem difícil mesmo, a Imburana é a madeira melhor para trabalhar que é mais mole.

J: Por que a senhora acha que a Imburana tá tão difícil assim?

L: Num sei se é por que o povo usava muito no lugar da lenha, por que tinha uns vizinhos ali que é o véi Loro essa mata aqui na frente de casa só era a Imburana, e na naquele tempo se mexia fazia assim alguma coisa um pilãozinho assim por que naquele tempo não tinha assim as ferramentas ai povo falava a vou fazer um cachimbo de Imburana ia lá e fazia, a eu vou fazer uma colher de pau fazia, ai a gamelinha de madeira já não fazia mais por causa do formão por que as vezes tinha o formão na cidade mais não tinha condições de comprar né, a gente ia fazia as coisas mais simples, fazia até o formão de lima ai fazia mais a colher de pau, ai o povo via que não tinha muito aproveitamento e ia pegar a Imburana que era boa para fogo ia fazer como se fosse lenha. E quando a gente já conseguiu arrumar os material para poder fazer alguma coisa ai já não tava achando madeira principalmente aqui no lugar da gente né agora se em outro lugar ai se tem eu não tenho informação assim não, mas por aqui mesmo tá bem pouco os que tem num presta assim não.

E: lá também tem bem pouca, lá no Sumaré.

L: Pois é, e quando acha as vezes num da certo tá tudo cheia de broca, aproveita só alguma coisinha dela lá, a madeirinha dela também não serve para fazer uma colher de pau já serve para fazer o palitinho do xarri, mas não da assim para fazer uma gamela grande igual a gente fazia de primeiro para tirar uma tapioca ou então para movimento de festa para massar bolo quando for né fazer pão, quer dizer, mas não tá tendo assim, tá difícil, aqui acolá a gente ainda faz ainda por encomenda a gente faz aquelas gamelinha assim, mas não sendo.

J: E o que o artesanato representa para a senhora?

L: Eu acho que para mim ele representa muita coisa né que é uma coisa que vem de dentro da gente e o que nasce do lugar da gente. Mais para mim é bem importante o que tá precisando mesmo acho que é cada um praticar o que aprendeu e ensinar também para quem não sabe, eu penso assim.

Edineia: e a senhora queria falar mais alguma coisa que a gente não perguntou? fica a vontade.

L: Bom que eu acho importante assim que num sei se essa a pergunta a resposta. Eu acho importante assim que os jovens hoje né eles contribuiu muito na parte do artesanato, ele é um produto de renda principalmente para quem não tem um salário né ele pelo menos já ajuda em alguma coisa, ai a preocupação da gente é isso que o que a gente ensina na sala, ou em alguma oficina, ali no dia da aula de cultura só fica ali cabo cabo. Então, que a gente queria assim né que eu tinha vontade sempre eu falo na escola e falo lá para a direção também que isso fica em vão, tudo que a gente sabe se não por para frente vai acabando também e os novatos hoje não são todos mais tem alguns ai que não tá querendo nada na vida não, ai era a hora de tá praticando a eu aprendi isso numa oficina, eu aprendi isso numa aula de cultura na sala, eu aprendi com outro, outro colega de outra comunidade e tá passando um pro outro e produzindo né, mais cada um pensa de um jeito diferente, ai o que eu queria era isso todo mundo trabalhando tudo junto na mesma coisa.

J: Se fosse para a senhora de manter só do artesanato conseguiria?

L: Eu acho que sim, por que é na verdade eu recebo bastante encomenda assim, mais já aviso logo que não dou conta o dia que certo eu entrego, já peço assim, tem vez que eu vendo assim de entrega, forante o dinheiro que eu recebo né forante os que eu não recebo ai cento e pouco, mais aqui acolá da para comprar pelo menos a carne, mais é por que eu não faço assim direto e tem uma vizinha ali também que é Zelina não sei se você conhece ela também faz bastante artesanato e vende bastante, então eu achava assim que quem não tinha um serviço para ter o ganho mais pelo menos já tinha isso ai a parte do artesanato, de tudo tem saída. Mais se a pessoa focar naquilo eu vou fazer o artesanato vai sair para algum lugar leva para expor, vende ai vai divulgando mais vai muita gente em busca né. Tem um artesanato uma artesã também de cerâmica né, nois começou trabalhar na cerâmica e tem uma ali não sei se vocês conhece que é Ivani, ela a gente eu comadre Alzira a gente trabalha tudo assim com coisa de cerâmica, só que ela aprendeu e ela pondo para frente, então ela tem muita

encomenda de fora é para entregar para as pessoas de fora e para os daqui também, ela não tá dando conta.

J: De fora que a senhora fala outras etnias?

L: Assim de tudo quanto é lugar vem, é os pessoal da UFMG mesmo encomenda é quando vai formar turma lá pra Belo Horizonte ai eles manda fazer lembrancinha, ai outros também tão casando os filhos já encomenda vazia, aquelas porcelana aquelas sopeiras aquelas porcelanas para colocar na mesa colocar comida, então ela tá pondo para frente né, ai era a hora de outras pessoas tá lá pelo menos trabalhando com ela, nois vai lá ajuda ela e tudo mais para gente focar só nisso não dá conta não. A gente trabalha na escola ai fica assim hoje a gente tá aqui amanhã tá ali, ai alguém tiver a procura de coisa de cerâmica é lá no barreiro.

J: Em outra entrevista que a gente fez sobre o artesanato também a pessoa que a gente entrevistou falou que veio conhecer o artesanato de uns vinte anos para cá, por que antes quando foi invadido foi proibido de praticar vele só conheceu um tempo depois, com a senhora também foi assim?

L: Na verdade foi assim dependendo de alguns artesanatos né, mais na época que os fazendeiros tava aqui a gente fazia o artesanato, mais não era para venda mais era para o uso, e era muito procurado como eu falei no começo era o candinheiro né e na minha ideia eu inventei um candinheiro ainda que até hoje eu não me esqueci eu tinha mais ou menos acho que uns dez anos, mais de sete anos por ai eu fiz um candinheiro que era usado com lata de óleo com três bicos que era um bico grande, dois mais menor né que para iluminar ne festa de casamento, ai o único artesanato que fazia era isso mesmo os candinheiro, cachimbo de barro, de madeira, e as outras pessoas mais de idade que tinha as ferramentas trabalhava fazendo bruaca, cangalha era deixa eu ver o que era mais colher de pau também fazia, eu lembro que meu avô fazia. E meu avô também era bem artesão acho que é por isso eu vi ele trabalhando né ai ficava ajudando ele fazer tamborete, então algum artesanato fazia assim né, agora maracá essas coisas xuchena foi depois que a gente entrou na escola que foi em busca né, veio o resgate da cultura.

E: E foi passando de pai para filho né?

L: É, as vezes eu aprendia a fulano me ensinou a fazer isso, ai a outa já passava há então vou tentar fazer, ai tentava fazer vai criando mais ideia.

Entrevista 3

Apresentação: Dona Otilia

Entrevista concedida por Dona Otilia Ferreira De Araújo, 68 anos, aldeia sapé reserva Indígena Xakriabá, anciã que participou da luta do nosso povo Xakriabá inclusive relata com detalhes a chacina que ocorreu no ano de 1987, onde ela relata na entrevista. A entrevista foi realizada em sua residência no dia 18 de novembro de 2017 às 9:00 da manhã com a presença dos seus netos e da entrevistadora Janaine, foi gravada em áudio vídeo e registro de fotos ocorreu tranquilamente sem nenhuma interferência.

Otilia: Ai depois o homi foi e falo assim porque você não mete o pé na bunda dele, dai o vei Quinha foi e falo assim, não moço nois não pode não ele planto roça ai dai só pediu pra fazer a barraca mode eu colher o feijão, mais ele não vai fazer casa não, a se fosse eu já tinha socado o pé na bunda dele já tinha mandado ele ir embora. Depois dessa hora nois decemo pra baxo ai nois encontramos o finado Roso, dai eu falei: ó Roso os vaqueiro passou lá mandou Zé Quinha bater na bunda nossa só pra mode nois sair, dai Roso foi falar assim, quem vai ganhar um pé na bunda é ele ai depois nois decemo, ai quando ele foi embora nois veio pra cá. Ai no outro ano nós fez o mutirão de lá de Arvelino até ne Hermano, um mutirão muito ruim derrubou tudo essa mata ai na frente, só era mermo pra corre com ele, ai depois no outro dia que o finado Manelo fez um mutirão pra mode limpar a roça dele, eu tava deitada de baxo do barraco o barraco era de capim ai depois as menina tava pra culá pros pé de manga e foi no mês de dezembro, ai os menino evem na carrera: mãe só pra vance ver mãe mais passou uns homi tudo com umas espingarda, com arma, e eu disse: deixa de ser besta ce sai ai eguano prai só pra mode ceis chegar mentino, menino de repente foi tanto tiro, ar bala passava aqui nos pau chegava tinir, ai dessa hora o povo saiu tudim da roça do finado Manelo e nos descemo todo mundo uns de lá do outro lado e nois daqui e uns foram tudo pra casa de do finado avo seu e o outro foi pra casa da veia Candinha e ou outros foi pra casa do finado Roque . Ai ficou oito dia, outro dia eu fui lá ai a policia federal chego ai o finado Roso falou, diga os menino se eles quiser vorta pra casa pode vorta a policia já pegou Gongga.

Janaine: Quem eram esses posseiro?

O: Nós conhecemos ele por Gongga e Caribé num sei como era o nome deles não, e os pistoleiro era Alfredão e os povo lá dos forge eu num conhecia não, e deixa eu ver quem era mais, era Martinzão que nois sabia do nome. Ai nois vei foi bem naquele pé de juá de Chicão

as policia já tava lá com esse rolo, ai foi aquele tanto de gente falava leva Alfredão leva Gongo também não deixa eles vorta mais não leva tudo, ai as policia saiu com ele e nois vei pra cá, só levaram eles até na funaia e chegou lá na funaia sorto e fez medo pra ele, e nois voltamos foi dormi na casa sossegado quando foi no outro dia nois fico sabeno que esse povo tava na funaia, ai já não durmimo mais dentro de casa já fomos pro mato. lá naquele pé de embu pra lá de Robe, ali Maro fez outra barraca de capim pra mode nois dormir de noite, de dia nois vinha pra cá e de noite nois ia pra lá, foi no tempo que eu ganhei Nira e nois com medo de eles vim e nois não cendia fogo de noite pra mode eles não saber onde nois tava. E juntava Antoninha, o finado Antônio irmão de Maro, Raimundo mais a Beta e os menino tudo lá nesse barraco, lá dormia homi com muié debaixo desse barraco lá, e ai quando chego no outro ano eu ganhei Dilso lá em baixo do pé de embu. Ai depois foi continuano nois foi dormino no mato, e foi no tempo que mataram o finado Roso, os meninos quando ia correr com os povo lá e quando era de noite ninguém num dormia com medo, e quando nois vei perceber era chei de policia direto. Zé de Bem Vindo morava aculá, Vilma tinha os menino, a policia deu ne José e José tava com o menino ai jogo no chão e correu, ai Vilma foi pra lá e pegou o menino, sei dizer que dessa vez foi Deus me livre bem ruim pra nois.

J: O que que eles queriam aqui?

O: Eles queria era tomar a terra nossa eles queria é correr com nois daqui e aqui ninguém vendeu num deu, e eu casei e descí pra baixo lá, ai quando foi no tempo que os possero tomo conta da terra ai, os que tinha um tiquim vendeu eles pegava e vendia tudo pra compra um litro de pinga. O finado Zé Caetano mermo vendeu tudim pra eles, ali do finado Vicente acho que também vendeu pra eles lá, ai foi tomano conta e derrubo esse trem tudim ai e fez só cercado.

J: E a senhora sabe como foi que eles chegaram aqui e como eles teve informação que aqui tinha essa terra?

O: Esse ai eu não sei não, eu sabia que disse que os povo que tava vendeno, Zé Caetano vendeu e os que tinha mais terra pegava e vendia ai eles ia tomando, se nois não vendisse e eles compro lá em cima ai já ia tomano a terra tudo dos povo e ia cercado e correno com os povo tudo.

J: E quando os povo não queria vender eles tomava?

O: Eles tomava a terra essa terra aqui foi tomada, comprava um tiquim ai já ia tomano dos outros, pra culá tudo nois trabaia e tomaram tudo, um Civaldo que tinha em baixo era posseiro e tomou a terra também ai o povo correram com ele, ai ele foi pro Barreiro chegou lá correram com ele do Barreiro e botaram fogo nas cana dele, quebrou os trem panhou um bocado de coisa.

E os possero não era índio não, era branco e os índios foi que correu com eles, e só se você visse como era, nois não dormia de noite não, Miuda ainda dormia numa lapa ali no fundo da casa de Vando e nois era cá em cima, da vez que a gente dormiu onde o finado Rodrigão morou, foi caçando José e José tava lá mais nois e de noite esses homi arribou o fogo, e José foi falar: tio não acende o fogo não mode os posseiro, ele era surdo ele não escutava, e ele tava pensano que José tava mandano era cender o fogo e mesmo era tirano mandano pagar o fogo. Ai quando passava tudim que o povo juntava e ia contar os causos e ia rir, e quando o povo chegava todo mundo esmorecia ai já ia era esconder.

J: Quando eles chegou aqui eles proibiu de fazer alguma coisa?

O: Proibiu, eles falou que num era pra fazer casa nem plantar banana.

J: E pintar fazer artesanato essas coisas?

O: Eles não proibiu por que ninguém ainda num usava essas coisa não, nois vei usar foi de uns tempo pra cá os índios tomou conta ai teve a cultura deu pra pintar, mais se pintasse eles matava na hora, até hoje se eles ver um pintado eles num gosta não fica olhano direto, lá mesmo na Manga Patrícia tava lá pintada, Bastião disse que viu tinha um homem olhando pra ela e virando o zói por que ela tava pintada.

J: E artesanato nessa época a senhora sabe se já existia?

O: Gamela e coisa de barro usava desde quando me entendo por gente já usava, meus avós era fazedor de pote desde que eu era pequenininha, já existia artesanato.

J: E a senhora sabe quanto tempo eles ficou aqui os posseiro?

O: Eles ficaram aqui parece que quando mataram o finado Roso eles caíram fora, ele ameaçava vim e matar a gente mais a policia já tinha pegado um bucado já tava preso, Agenor já tinha morrido também no dia que matou o finado Roso, os próprio companheiro dele matou ele e se não mata Agenor tinha morrido mais por que disse que ia matar Roso lá, passava aqui e matava um bucado de gente. Ai disse que ele matou o finado Rosalino ai foi que mataram Agenor e eles parou e de lá foram embora.

J: E como que o povo daqui conseguiu expulsar ele daqui?

O: Uá conseguiu por que o povo ajuntava era de mutirão ai ia correr com eles e viu que tinha as policia pro lado nosso a federal que ajudava nois, quando nois vinha quebrar milho aqui no mês de abril policia tava andano nessas estrada e ainda levantou bandeira do Brasil ali no tanque e ai nois ia lá pegar água e a bandeira tava lá bem artona.

J: A senhora lembra como era a vida antes dos posseiro chegar aqui?

O: A vida era boa, só não era boa por que o povo era muito fraco só vivia do que plantava e do dia de serviço também que trabaiava e comprava as coisa de comer, mais era bom quando eles num tava.

J: E depois que eles chegou, mudou muita coisa?

O: mudou que a gente num tinha como viver assim em paz, só vivia com medo aquela cisma ruim de um dia entrar de noite e não amanhecer vivo era uma tristeza quando nois mexia com eles aqui. Um dia os menino vei, encontramos Zé Quinha bem ali onde tinha uma cansela e lá contaram Zé Quinha e Laurinha pequena atrás e cortando o homi ai correram pra lá, foi o dia que atiraram ne Antônio Dorotéia, ai Zé Quinha chegou lá cortado e eles correram pra lá ai chegou Gongo tava também Agenor foram um bucado pra lá, ai eles correu e atiraram ne Antônio Dorotéia ai dessa vez ele num vorto aqui mais nunca, e era bem desconfortável assim pra mim não sei se era medo.

J: E o Rosalino como que ele ajudava?

O: Ele ajudava que ele esforçava demais ele era muito esforçado assim na luta, ele não tinha medo de nada nem que ele morria mais ele num ligava não, ele disse que queria ser adubo da terra mais disse que só saia quando ele morria, e o dia que aconteceu isso com ele mermo ele vei aqui detardinha, eu fiz um café ele bebeu ai eu já tava pensando assim; menino por que que oce não dorme aqui Roso ai ele falou assim não que amanhã eu tenho que ir lá de madrugada pra cana braba tirar um leite mais José, e eu disse assim não ce dorme aqui ai oce vai amanhã cedo e ele falou: não mais num da certo não. Ai foi, chegou lá dormiu, quando foi de madrugada ele morreu ai chegaram duas hora da madrugada ai mataram ele, ai quando foi Clarindo disse que ainda escutou os tiro, ai quando foi cinco hora Bastião de Márcia chegou aqui avisano que os possero tinha matado ele ai nois decemo tudo pra lá, chegou lá tava um pisero e ele lá no chão, os outro tudo estirado no mei da casa na varanda e ele na cozinha morto, ai o povo chegaram mais deu gente um mês a casa chei de gente.

J: A senhora sabe por que eles quis matar justamente Rosalino?

O: Uá eles quis matar ele por que ele esforçava demais, ele avançava muito na luta ai eles inrecho com ele, falavam direto em matar ele que ele era o cabeça, ai por isso que eles inrecharam com ele e queria matar ele ai mermo nem matou. Mataram um lá pros forge pra Pindaiba lá ne João Baiano, ai ele pensou que foi ele que tinha matado, ai quando ele chegou e viu disse que tava atrás de tudo, Maro tava mais ele e não matou ai quando eles chegaram o homi já tava morto que outro chegou primeiro e mato, e disse que num sabe quem foi que num falou quando chego ele tava reclamano que falaram que num era pra matar não, ai por isso também foi que ele matou porque o homem era vaqueiro de por isso que inrecho com ele, mais num foi ele que matou Maro falou que não. Quando eles chegou que tava atrás ai ele já tava morto e dai foi cortar foi lenha, morreu sem dever.

J: E a senhora sabe quem matou Rosalino?

O: Num sei não por que era um bando, nem ele sabe quem foi que mato ele que eles era um bando eles era uma turma que tinha mais de dez homi, só viu o tiro mais nem eles sabe também quem foi que matou por que era muito homi e muito tiro, quando eles chegou atirano Otelice saiu na carrera mais Biu e Zé era pequeno não deu conta de correr, ai ficou cumade Eliza mais José eles ainda fez José puxar finado Roso de dento do quarto, fez José pequeno puxar ele pra fora e os outro José e o finado Manelo furaram ele na cancela e atirou, finado Manelo vei de lá assuntar e já tava na cansela esperano ai furou ele e José morreu na varanda. Nesse dia foi três sepultura, mais ninguém sabe além de eu num tava lá e mermo nem eles que tava lá num sabe quem foi que matou que era muita gente, Nena ainda falou pro finado Manelo num vim que tava tiroteio lá e ia pegar nele, mermo já tinha gente lá no pé da cansela lá acho que esperano quem vinha ai pegou ele atirou e furou de faca.

Eu sei dizer que foi um pejejo pra nois aqui num foi bom não, ai quando eu vejo mexer com terra eu nem vou e nem dou conselho nem tiro ninguém pra num ir, por que eu assombrei dessa vez o sofrimento que nois passemos num quero que ninguém passa e nem nois também, Deus o livre, foi duro num foi mole não e a luta toda hora aqui no Sapé, lutou tudo quanto é lugar mais o lugar mais forte foi aqui, o pé grosso tava era aqui e o Sapé foi famado de lá do finado Roso pra cá era Sapé, ai eles tiraram quando Roso morreu, mais se Roso tivesse vivo era só a terra de lá mais ele morreu e os de lá tirou do Sapé. Por isso que no documento nois somos do Sapé, e o Sapé aqui tá fraco to vendo que tá fraco a fama foi aqui e aqui tá fraco, aqui só to vendo que tá forte na cultura dos menino ai, em outros lugar num tem cultura igual aqui mode o lugar, disse que tem um museu da memória de fazer pote e artesanato de barro e

to vendo dizer que os povo que pegar o barro daqui pra levar pro Itapicuru e fazer lá, mais tem que fazer é aqui mode o lugar que o barro daqui é melhor pra fazer artesanato.

Entrevista 4

Apresentação: Nei Leite

Entrevista concedida pelo artesão Nei Leite de 37 anos, realizada no dia 19 de agosto de 2018 às 8:30 da manhã em sua residência na aldeia Barreiro Preto. Onde estavam presentes sua esposa e filhos, a entrevista foi gravada em áudio e registro de fotos. Nei Leite hoje é um dos principais colaborador que está à frente da organização para a criação da associação dos artesãos (ãs) Xakriabá.

Nei: Queremos fazer um trabalho interessante por que já teve muitas vezes que apareceu feira e a gente num tem o artesanato, num tá preparado, às vezes a gente recebe uma noticia assim; tem feira semana que vem ce vai procurar o pessoal ninguém tem o artesanato pronto. E as vezes se ce fica organizado começar à produzir de maneira organizada ce já fica preparado pra essas feiras, já teve vezes de aparecer a feira e não conseguir participar das feiras por que ai vem passagem vem hospedagem e vem alimentação, ai ce tem lá na feira o espaço, mais ce num tem essas coisas ai como é que você participa. Ai a ideia de criar uma associação é com esse incentivo de com a associação você pode ter esse dinheiro, aparecer uma feira as vezes num consegue ir muita gente, mais ce manda duas pessoas representando o povo e eles recolhe os artesanatos dos outros, leva pelo menos dez peças de cada um e vai divulgando lá fora. Com a associação consegue recursos também, pra fazer oficinas para formar outros jovens artesão e consegue esses recursos para tá conseguindo participar das feiras.

Edvan: Dependendo da associação da pra conseguir até projetos.

N: A ideia é essa mesmo conseguir projetos, por que esses dias mesmo teve um edital mais tinha que ser uma associação de artesão a associação que nois tinha aqui não podia receber. A gente perde a oportunidade era um edital interessante podia comprar ferramentas, podia fazer oficina, mais a gente não tava organizado. Ai esses dias mesmo apareceu uma feira e era pra levar pra feira e ai consegui quinze estandes e os estandes é caro pra pagar, tem estandes que custa 400 reais cada um, moço lá conseguiu quinze pra nois e pediu pra

levar dez pessoas colocar dois por estandes, e ai tinha um ônibus saindo de Montes Claros e a feira era em BH, de Montes Claros pra lá eles já tinha esse ônibus ai ficou pra gente conseguir um ônibus daqui pra Montes Claros, ai eu tentei com o município nas secretárias tudo e todo mundo a resposta que dava era, tá difícil. Eu falei gente a ida é dez artesão representando o povo, tem artesão que tá levando peça de cinco seis pessoas. Então é uma coisa que não é investimento caro levar essas pessoas até Montes Claros e num município que é um dos mais pobres de Minas né o índice de desenvolvimento tá lá embaixo e talvez o artesanato é uma possibilidade de geração de renda que eles podia tá investindo nisso, ai fiquei muito chateado por que até esse pessoal que lá no município nunca fez um trabalho interessante assim com relação ao artesanato aqui dentro e as vezes pinta uma oportunidade que ce vai procura eles dão as costas.

Tem artesão ai que não tem renda nenhuma sobrevive do Bolsa Família, a gente já tinha articulado tudo pra levar esses artesanatos deles, tava tudo empolgado a feira tava tão certa só faltava esse detalhe que foi se arrastando até as véspera da feira, nois num teve noticias ai teve gente que trouxe os artesanatos pra cá já tinha deixado um monte de caixa aqui pra levar pra essa feira ai de última hora teve que desistir.

O que custava deslocar uma van com esses artesãos até Montes Claros, talvez as vendas lá gerava uma renda boa se cada um dos artesãos conseguisse quinhentos reais já é muito dinheiro para comprar as coisas, já ajudava muito. Os meninos ai que sai pra fora para colher café cortar cana as vezes podia tá por aqui mesmo fazendo o artesanato e ganhando a renda, mais agora mesmo tá aparecendo varias feiras ai, agora mesmo tem uma pra Teófilo Antonio e tá indo daqui três pessoas só que assim a gente consegue ir nas feiras que eles financia tudo, essa eles tão dando passagem, hospedagem e o espaço lá, ai dessa forma consegue, mais quando só consegue o espaço lá e depende de algum incentivo daqui ai a coisa não anda.

Eu acho que precisa um pouco mais de incentivo nessa questão por que o pessoal sabe da necessidade do povo muitas famílias é carente, eu não cobro num é pra mim eu to trabalhando na escola mais conheço muitas pessoas ai que não tem renda nenhuma ai o artesanato dele podia ser uma renda boa pra ele.

Janaine: Mas agora não sei se você considera assim mais o cadastro também eu acho que veio pra ajudar né com as carteirinhas por que agora pode participar das feiras.

N: Teve o cadastro na época que o pessoal do governo veio ai a esposa do Pimentel né e a turma deles fizeram o cadastro né ai mais de cinquenta pessoas tem as carteirinhas e segundo eles facilita o acesso, mais eu ainda não vi assim eles chegando aqui e falando ô tem

uma feira lá num sei aonde e vocês que tem a carteirinha passa a carteirinha ai que cês vão, por enquanto ela tá mais simbólica.

E: Por enquanto tá uma coisa que ficou mais dentro do município e ainda não expandiu pra conseguir outras coisas lá fora, por exemplo: ser uma ponte de acesso pra participar dessas feiras.

N: Essa feira mesmo de Teófilo Otoni eles não exigiu carteirinha não, tendo ou não tendo ia da mesma forma, ai eu imagina assim que com essa carteirinha o pessoal ia conseguir tipo assim tem essa feira mais tem que ter a carteirinha pra ir ai sim eu sentir que a carteirinha ela foi útil. Mais segundo eles disse que é pra isso né tomara que ela tenha utilidade mesmo por que se tiver vai ajudar muita gente.

E: Talvez se tivesse um sistema eletrônico tipo na internet que fizesse valida essa carteirinha pra esses movimentos eu acho que seria melhor, assim também o artesanato é tão grande que tem pessoas que faz os artesanatos que porém não fez a carteirinha, tem muitos deles ai que não fez por exemplo: lá no Itapicuru mesmo eu mecho, meu primo lá meche, não fizemos a carteirinha por que pensamos assim nois meche ai quando nois tá mais desocupado, ai vamos fazer a carteirinha e vem uma coisa pra gente fazer e a gente não tem esse tempo.

N: Tem essa questão do tempo, mais esse pessoal todo ai que fez a carteirinha tem alguns que tá produzindo bastante e tem outros que quase não produz, só que era interessante cês ter feito por que a gente num sabe quando é que eles vão tirar de novo essa carteirinha. Aqui teve gente que tirou que fez uma peça lá no dia pra fazer a apresentação lá pro pessoal vê e depois até hoje nunca mais fez nada, as vezes pinta uma oportunidade a pessoa não tem peça mais tem a carteirinha ele até pode ir também.

E: Assim com relação ao artesanato os mais jovens tá voltando mais o artesanato como fonte de renda. O que ce acha, como que esse desenvolvimento vai funcionar o que vai contribuir?

N: Eu acho que tipo aqui quando aparece uma oportunidade de serviço na escola é uma briga ai a comunidade todo mundo querendo entrar pra escola. A escola hoje já tá cheia o governo já tá fazendo corte, todo inicio de ano a noticia que vai mandar um bocado embora e os que não tem oportunidade de ir pra escola acaba saindo pra fora e dessa saída alguns não voltam e outros quando voltam, voltam com problema. E ai pensar numa alternativa que eles pudesse gerar renda, ai no caso o artesanato é uma alternativa alto sustentável que é mais interessante ainda e que vai assegurar eles aqui, eu achava que tinha muito à ganhar com isso por que com consciência também né por que hoje você não pode explorar o artesanato sem

consciência e causar impacto, as vezes você vai fazer uma coisa de madeira e precisa derrubar uma árvore e começa à produzir em grande escala, começa derrubar tudo daqui uns tempo já vira problema.

A cerâmica mesmo tem que tirar o barro com cuidado, tem lugar que você pode tirar tem lugar que não pode, quando sentir que aquele lugar tá ficando meio estragado ali aquele ambiente, já vai mudar pra outro canto. E ai pensar também, igual nois faz as peças a gente pensa em fazer um trabalho bem feito com orientação, por que hoje a gente pode fazer muita peça mais não da um acabamento bem feito, e ai ce tem que vender baratinho né como não tem acabamento não tem preço ai ce acaba vendendo barato e com isso ce tem que fazer uma quantidade maior pra compensar, faz uma sopeirinha e ai ce fez ela mal feita vai vender de cinco reais o povo num quer, as vezes ce faz uma mesma sopeira e faz uns acabamentos, faz uns detalhes ce vende ela por vinte reais ai ce ia precisar de fazer quatro sopeira de cinco reais pra ganhar os vinte, as vezes ce faz uma bem feita ce gastou menos matéria prima agregou mais valor nela, seu tempo foi menos e ce conseguiu vender por um preço justo.

E essas coisas tem que ser conversado dentro de uma organização por que as vezes eu tenho essa consciência aqui, mais tem fulano que tá fazendo aculá que não tem e tem fulano que faz mais ele não tá preocupado com essa questão, ele faz uma peça tem habilidade pra fazer mais falta alguns detalhes, fazer o acabamento com a marca do povo pra valorizar, tem gente que não faz isso e acaba vendendo barato e as vezes tendo que bastante e ao mesmo tempo pode provocar os impactos. Outra coisa que aqui dentro também tem muita matéria prima podrecendo ai, tá queimando de fogo, tem uns meninos aqui que faz uns pássaros de madeira. E tem hora que vem fogo ai e queima as madeira seca ou tá ai perdendo, ai e o dinheiro tá lá perdendo eles brigando pra entrar na escola querendo ir pra São Paulo pros corte de cana e lá tem contato com drogas com esses problemas todo, por isso que eu acho que o artesanato ele é alto sustentável principalmente quando a gente tem a consciência de fazer ele e por exemplo: semente você pode plantar e fazer as coisas de semente, aquela lagrima ce planta no quintal e faz uns colar bonito. Quanto osso que o povo mata gado e joga o osso pro mato né, ce cria o gado do gado ce tira o osso e já faz artesanato já gera renda.

Muitas vezes tem família ai que não tem renda nenhuma só o Bolsa Família e outros até o Bolsa Família tão cortando passando fome e as vezes o dinheiro tá lá no quintal que ele podia tá aprendendo fazer isso aqui, podia ter alguma instituição que seja município ou associação investindo. Tem Sarvino que sabe fazer isso aqui mais lá no Peruaçu não tem ninguém que sabe fazer, tem pessoas lá que tão passando fome, pega Sarvino leva lá, fala ô Sarvino vou te pagar aqui pra você fazer uma semana de oficina mais ai eu vou escolher

fulano, fulano e fulano que tá precisando de renda, vamo compra ferramenta pra ele, vamos comprar as ferramentas tudo pra ele, que ele vai fazer a oficina e quando terminar a oficina ele vai tá com tudo na mão, as ferramentas dele ele vai tá com o conhecimento que ele aprendeu na oficina pra ele dar continuidade, a partir de agora é só ele treinar, ai ce vai multiplicando os artesão depois vai ter muitas famílias que tinha carência já começa à ter uma renda sem precisar depender de Bolsa Família de tá indo pra longe.

Lá no Vale do Jequitinhonha as mulheres que mora lá eu conheci algumas lá elas era conhecidas como viúvas da seca, por que elas era conhecidas como viúvas da seca. A história delas era bem parecida com a nossa aqui, por que no período da seca os maridos delas ia pra São Paulo, pra Mato Grosso, essas região distante ai pra cortar cana e ai durante essa época elas ficava sem os maridos e ai elas receberam esse apelido de viúvas da seca por que os maridos retornava só no final do ano no final da safra que era o período das águas, depois ia embora de novo ai eles fizeram esse investimento prefeito os municípios trouxe o SENAI foi formando hoje lá eles sobrevivem do artesanato tem gente que disse que comprou carro tem casa, os maridos parou de sair tá até contribuindo na produção. Cês conhece né lá da feira da UFMG, tem um cara lá que faz uns tamboretas desse assim só que trançado, tamborete desse o cara pega e corta as tira de couro, couro de gado preto e couro de gado branco e trança e fica todo cheio assim parecendo aquele tabuleiro de xadrez assim pode fazer até um X.

A feira esse ano eles me convidaram pra participar, mais me convidou três dias antes ai não da e sem incentivo nenhum, só o convite, ai eu falei isso três dias eu tava sem peça, pago passagem pra ir ai vou pagar também pra levar os negócios por que ce tem que pagar daqui o excesso de bagagem e quando chega na rodoviária o taxi não quer levar muita embalagem, ce tem que fretar um vanzinha, se chegar lá ce não vender volta com o prejuízo ai se você tiver já esse incentivo é bom que se você vendeu já lucra se não vendeu pelo menos prejuízo não toma.

Quando eu fui mandar fazer esses tamborete aqui mesmo fui ne um fui ne outro ninguém, a não, não tem madeira, ah tem tempo que eu fiz. Ai peguei e tive que ir na cidade mandei fazer as armação ai tem um cara ali que sabia, fui lá mais ele e comprei um couro, um couro baratinho, sobrou quase a metade do couro ai ele pegou esticou e colocou ai. Uns tamboretas desse se tivesse alguém fazendo por aqui faz e vende, podia fazer já ganhava uma renda, por que, tem hora que você caça e não acha, ai agora já tem fazendo, já pensou se começa fazer ele trançado e começa colocar uma marca Xakriabá nele um X começa participar das feiras, o pessoal daqui muita gente vai deixar a cadeira e comprar isso ai, por que tem hora que ce compra daquelas mesa de pedra vai descolando tudo, parafuso vai

soltando e vai jogando os ferro por ai, esses aqui ce chega na casa do seu avô ce vê um lá veinho ce vai perguntar quanto tempo tem ele fala que tá com cinquenta anos que ele tem esse tamborete.

E: lá no Itapicuru tem duas pessoas que faz esse tamborete, tem um que vive basicamente só disso, só que ele sai pra fora né e quando ele sai pra colheita de café que ele chega a renda dele é só fazer tamborete essas coisas, só couro assim, só que ele não faz aqueles detalhes, faz de tudo quanto é tamanho mais não coloca a marca do Xakriabá. Ele não tem aquela renda aquele trabalho fixo, ele vive só de fazer essas coisas e praticamente Bolsa Família também que ajuda um pouquinho.

N: Mais com a associação a gente vai conversar com ele né, por exemplo, esse cara mesmo você pode até orientar ele as vezes ele consegue depois fazer, cortar as tirinhas, fazer trançadinho, pega um rolo preto um branco e faz um desenho da nossa pintura, um tamborete que ele tava fazendo se ele vende de trinta conto ele vai vender de sessenta reais coloca a assinatura dele num canto pra ficar a marca também que ele fez.

Quando eu fiz a minha pesquisa ai o pessoal foi falando e era uma época que não tava mais fazendo cerâmica, pessoal antes tinha foto do que o pessoal tinha, comecei sair na nas casas perguntei o que qui o senhor tem que aqui de cerâmica, ah tenho um pote ali, chegava lá um pote já bem antigo alguns tava usando outros só tava lá encostado, prato, panela, ce num via ai muringa também cê num via, quando via era uma que tava encostada já tava quebrada a pessoa guardou lá. Ai fui tentar entender por que o pessoal não tava usando mais? por que tinha parado de fazer? ah o povo não tá comprando mais tá comprando as coisas da cidade, é geladeira não tá mais pondo mais água no pote, é filtro é panela, tudo da cidade. Ai eu falei assim tem que tentar também por que se a gente ficar naquilo assim, as vezes o pessoal desinteressou ai eu vou tentar fazer uma muringa que ela vai servir pra por água mais ela vai servir também ela vai ter uma outra função, ela vai servir também como uma peça de enfeite e ai nisso daí eu criei as tampas nas muringas, ai eu faço a tampas com a figura de um animal aqui do cerrado e ai coloco os detalhes os traços daqui, ai uma muringa que talvez simples como era antigamente que ninguém tinha interesse, era só pra colocar água e hoje ninguém usa mais a muringa pra colocar água, ela passou à ter a uma função de uma peça que além de servir pra por essa água ela vai servir como uma peça decorativa ai com isso o povo interessou nas peças. Esses dias mesmo levei uma peça que tava com problema pra segurar água, deu trinca na queima, mas mesmo assim o cara interessou por ela, falei óh pra segurar

água num serve, ainda vendi pra ele por cinquenta reais, era uma muringa com a tampa cabeça de jacu levei também uma muringa que tinha a cabeça de uma onça.

Aqui é um lugar que num circula dinheiro igual na cidade, aqui eu não vendo por esse preço vendo mais barato. Por isso que é importante uma associação ou uma organização pra você ir lá onde tá o dinheiro, por que é mais vantagem ce vender uma peça dessa por cinquenta ou cem reais lá fora do que você vender por vinte reais aqui, por que ce vai ter que produzir um tanto pra você conseguir fazer o suficiente pra te manter, e se você vender lá, vai fazer menos; vai gastar menos tempo e vai causar menos impacto; vai usar menos matéria prima; mais também não pode pensar em fazer só pra vender lá fora, por que o trabalho artesanal é pra fazer voltar o uso aqui dentro, tem que ter essas duas coisas equilibradas, pensar vender lá fora só que lá fora o preço é diferente e vender aqui dentro também, mais a renda das pessoas é outra e ce tem que vender por um outro preço aqui ce vende até menos da metade do preço que ce vende lá tem que ter esse equilíbrio. Se conseguir explorar esse outro comercio lá fora é interessante, por que os jovens as pessoas vão falar ó da valor, da renda, então talvez é uma coisa que já vai garantir meu sustento não precisa eu ficar largando minha esposa minha mãe minha família pra indo pra esse mundo lá fora pra sofrer lá, tem muitos que foram e não voltaram, arrumaram emprego firmaram lá, vão voltar pra cá pra que se aqui não tem como eles sobreviver, acaba ficando lá, tem parentes lá como cinco dez anos morando lá e morre de saudade daqui e que fala que não acostuma lá, mais não pode voltar por que não larga um emprego que tem lá pra vir pra cá e chegar aqui não sabe se ele vai conseguir sobreviver. Ai as vezes o artesanato é uma dessas alternativas, tem varias outras tem o extrativismo tem varias outras coisas que é auto sustentável que pode ser pensado, mais o pessoal não tão ainda com o olho bem aberto pra isso, tem o parque do Peruaçu.

Essa muringa aqui é Ivanir minha esposa que faz, eu faço com tampa de pássaro ela faz com tampa de fruta, essa daqui é uma moringa também forma de um tatu. Ceis viram um vídeo que eu mandei para um professor de cultura de lá? Esse vídeo é fazendo a queima de buraco a céu aberto.

J: Vi sim

N: Aquela queima do chão foi os mais velhos que me falou ai eu consegui trazer ela de volta.

J: E ela funciona também na queima no chão?

N: Ela funciona, da outra cor na peça da umas manchas, porque onde a brasa queima ali deixa uma mancha assim. Mais o pessoal lá fora da um valor nisso que aquelas mancha né uns defeito, tem hora que a gente acha que é defeito e pra eles já é um efeito, aqui essas pecinha uns jogo completo, Ivanir vende de 50 reais e num da conta, ainda tem um monte de encomenda ai, faz o X faz os desenho, são seis peças o jogo, ai se levar uns pra fora vende por um preço bem bom coloca sempre as pintura que isso agrega valor a marca, onde o pessoal vê isso aqui sabe que é Xakriabá, por isso que o pessoal que também nas peças que fazer tem que por. Essa peça aqui é copiando aquela verde lá, uma técnica bem fácil de fazer que é tirar copia, ai ficou com esses detalhe aqui.

Há uns dez anos atrás ninguém dava valor nisso, através do curso da UFMG que foi um incentivo ai eu fiz a pesquisa, e ai a pesquisa também quando ceis for fazer as veis já tá fazendo também, é interessante fazer um TCC que não vai ser só pra apresentar lá e vai engavetar depois que não vai ter continuidade. Tem um monte de gente ai que fez o curso lá formou e chegou lá apresentou o TCC na banca, trabalho bonito interessante, mais do dia que ele apresento acho que ele nunca pegou pra foliar aquele trabalho ali que ele fez, a ai num trouxe muito resultado pro povo, por que ficou um negócio só mesmo pra ganhar aqueles crédito da pesquisa. O interessante é fazer e colocar isso pra andar, por exemplo, eu pesquisei a pesquisa aprendi com eles as técnicas fui desenvolvendo e trouxe pra cá, ai já estou fazendo muito e foi uma contribuição pela UFMG, talvez se eu num tivesse feito esse curso lá eu num tinha mim envolvido nisso e talvez hoje num tinha mais ninguém fazendo, se perguntar assim: cadê a cerâmica Xakriabá, ia ter aquele pote lá encostado e num tinha essas coisas que hoje já tem. Se chegar aqui no Xakriabá e falar eu quero uma cerâmica Xakriabá pra mim levar lá pra minha região de lembrança do povo, já tem, as veis muita gente ai num sabe quem tem, que aqui é grande, tem uma mulher no Sumaré que tá fazendo, e foi a partir desse trabalho que fui lá e construí um fornim pra ela já tá queimando, tem minha esposa aqui que faz, tem minha mãe, eu aprendi com ela também mais ela já tava naquele tempo que ninguém tava valorizando, ela já num tava fazendo mais e hoje ela tá fazendo.

Na veredinha onde minha mãe mora tem um grupo de mulheres que reuniu com ela, já faz oficinas, já tem uma quantidade grande de pessoas que envolveu nessa produção. E foi um TCC tipo que causou esse impacto que trouxe resultado de fortalecer e de trazer esse resgate de uma coisa que já tava quase que perdida, além da queima de buraco que as pessoas que me falaram da queima disse que já tinha mais de 40 anos que não fazia mais esse tipo de queima aqui, usava esses forno aqui que é colonial, mais a queima Xakriabá que é a queima original mesmo é essa sem usar o forno. E se esses mais velho tivesse morrido e a gente num tivesse

ido lá, esse conhecimento ia embora com eles e o povo perdia igual perdeu a língua que também tá resgatando e perdeu muitas outras coisas. Por isso que é importante fazer o TCC e terminar e aquele conhecimento que pegou ali com as pesquisas com os mais velhos, colocar em pratica pra ir passando de uma geração pra outra, por isso que é importante fazer isso, durante um TCC a gente vai descobrindo coisas que a gente talvez nem tinha interesse, igual vocês que vai fazer do artesanato né de repente ceis vão conhecer um monte de gente que faz artesanato diferente, dentro disso vocês se identificam com uma dessas coisas e começa produzir, começa ensinar na comunidade, daqui a pouco já tem um grupo lá produzindo, daqui a pouco lá na sua comunidade tal o artesanato é esse, igual aqui no barreiro a cerâmica já tá sendo uma referência aqui, pessoal quando chega procura artesanato aqui e primeira coisa que o pessoal vai indicar é que fulano tem a cerâmica, fulano tem a semente tem colar. Igual lá na região sua região a referência maior lá é Sarvino.

Aqui vem gente que vai no parque do Peruaçu já fica sabendo vem aqui comprar cerâmica, vem gente de São Paulo de vários lugares, e a tendência com a abertura desse parque é aumentar a quantidade de turista que chega lá e tem a curiosidade de saber que tem um povo indígena próximo e querem vim ver os artesanatos, por isso que acho que é uma oportunidade boa pros jovem começar a se envolver e pras instituições investir na produção artesanal aqui dentro que ela tem uma grande possibilidade de melhorar essas renda nas família, por que tem hora que ce fica triste de ver que São João da missões é o município mais pobre de Minas e o índice de desenvolvimento humano é o pior, e ai muitas vezes passa nas reportagem mostrando esse lado. As veis o artesanato pode ser uma forma de contribuição pra melhorar essa questão, num vai resolve os problemas todos mais tipo assim, as veis tem um grupo de pessoas na escola, no município, outro na saúde e de repente o artesanato como forma de renda, vai diminuir a quantidade de pessoas que tem necessidade, não vai precisar sair pra fora. Como eu trabalho na escola tem momentos que eu tenho tempo eu vou pegando e vou fazendo, esse ano mesmo ficou seis meses sem receber pagamento, o que me ajudou foi isso aqui ó, a veis aparecia gente aqui comprava 300 reais de peça, aparecia outro, durante todos esses meses eu num passei sufoco não, consegui vender as peças e fui mantendo, não que o dinheiro aqui supria o pagamento mais já ajudava bastante, por exemplo, muitas pessoas pode ter essa atividade dessa forma pode gerar renda pra isso.

O extrativismo mesmo é uma coisa que o pessoal pode começar investir, que vale a pena produzir as poupas, envolver os negocio por que isso vira renda, ninguém vai ficar rico com isso mais também num vai passar necessidade, e com consciência de maneira consciente pra não causar impacto, por que, por exemplo: você precisa de uma matéria prima que tá bem

escasso e que talvez se o ce usar muito vai estragar. Um exemplo, o cocar ou penacho né, talvez se o ce não tiver uma consciência e passar uma arara raro e assentar perto de uma casa, o ce já pensa no penacho e mata aquele bicho, ai ce começa querer ganhar dinheiro e acaba causando impacto vai que aquele animal já era extinto e fica em extinção , e tendo consciência ce já pode pensar em outra possibilidade de fazer, pena de gavião e outros animais que tem bastante, começar criar animais pra tirar pena tem pato e outros bichos. O uso da madeira também né, se você tá fazendo uma pulseira que usa o Tapicuru, as veis é uma arvore que já tá ficando pouca já tá meio que em extinção, e ao invés de tirar uma arvore seca ce vai lá e derruba uma arvore grande e verde pra tirar a madeira, e ai vai fazendo isso em grande escala e chega certa época que causa impacto, então tem que começar se envolver na produção artesanal com esse pensamento de cuidado. As veis a gente só pensa em ganhar lucro ganhar dinheiro e num pensa nesse lado, ai quando chega dez vinte anos ce vai ver que fez coisa que prejudicou também, e ai por isso que comecei também numa organização que vai começar tratar desses assuntos que cada dia vai mudando, agora vou começar pensar em minha produção começar fazer de uma maneira que faço menos, vender por um melhor preço, vou gastar menos matéria e num vou causar impacto, vai ser uma produção auto sustentável, por que durante cem anos sei lá, isso num vai ser ameaçado aqui, por que se eu explorar muito uma matéria prima e ela acabar como vou fazer? Tem que ter esses cuidados.

Essas murunga aqui que eu criei as tampas elas passaram a ser bem valorizadas, uma peça dessa simples se eu quiser fazer normal e num tiver essa preocupação de agregar valor, posso pintar colocar os traços nosso, ao invés de eu ter que fazer 100 peças dessa pra vender a 20, 15 ou 10 reais ela simples as veis eu faço dez peças dela e já dá o dinheiro dessas todas, usar menos matéria prima gastei menos tempo e num vou precisar de tá tirano essa matéria prima pra fazer em grande escala pra poder ganhar o dinheiro pra mim manter, ai ce consegue fazer dando um acabamento bom, agregando valor na peça e explorando esses espaços lá fora que também pode por um preço melhor. Aqui tem uns meninos que fez uns cachimbos de madeira com a cabeça de um pássaro, eles foram numa viagem ai e levaram esses cachimbos nesse lugar na Chapada dos Veadeiros, e tinha um cara lá vendendo um bem mais simples por 150 reais e os menino vendendo os deles todo trabalhadinho de 20 na época, ai chego o cara viu e interessou o cara perguntou e disse que era dois por 150 ai ele falou, bora trocar, ai o cara deu dois de 150 em um dos menino por 20 reais que vale por 300 reais, e o mais simples valia mais por que ele tava em um ponto turístico, vai muitos turistas vê aquilo ali tudo natural e dá 150 e não reclama, e os menino aqui gastava um tempão fazendo os detalhes, quantos eles num ia ter que vender pra dar esse valor aqui e as veis isso causa impacto.

J: A gente pensa também por quanto que esse cara num vendeu depois.

N: Pois é, ele deve ter vendido bem mais que 300 reais que provavelmente ele queria ganhar um lucro e deve ter vendido de uns 400,00 pra lá. Ai as veis a gente fica só aqui parado a região num é conhecido ce vende um cachimbo desse de imburana, a imburana já tá escassa pode chegar um tempo que acaba ela, e ce tem que fazer um tanto pra ganhar 300 reais, lá fora o cara vende um por 300,00 reais sem precisar causar tanto impacto.

E: É, lá é um lugar bem turístico que as pessoas vem e vende as coisa tudo cara. Então, é como você falou de produzir de forma sustentável sem causar tanto impacto na matéria prima, vendesse aqui de um preço mais poda chegar lá vender de um preço diferente mais alto e é bem interessante mesmo.

N: Essa feira lá o cara me convidou pra participar dela, agora tá acontecendo no mês de junho, que nesse espaço tem uma feira em um época festiva lá ai o cara veio aqui né que organiza a feira dos artesanato, e falou: ó eu arranjei um espaço pro ce lá na feira, mas com a seguinte situação; o espaço eu arranjo, agora pra você permanecer lá hospedagem, alimentação e transporte, tem que ser por conta própria, ai eu falei assim num dá por que eu vou sair daqui vou ter que gastar passagem de ida e volta, eu num sei quanto que vou ter que gastar na hospedagem e alimentação, ai eu fico lá pode ser que eu vendo mil reais mais ai eu vou gastar uns oitocentos reais em viagem hospedagem e alimentação, não vai valer a pena. Ai uma organização com município com uma instituição incentivando isso fornecendo alguma dessas coisas, o cara vai lá e vende o que quiser dá muito mais lucro pra ele, é isso que falta.

E: E secretaria da cultura foi criada recentemente ce acha que poderia ser uma forma viável de tá se responsabilizar com relação a isso?

N: Tem, basta os cara se interessar mais, seu Hilário mesmo tá começando trabalhar nesse sentido, é nova a secretaria mais a secretaria ela aumenta o recurso dela de acordo com as atividades que vão fazendo, Nenzinho do meio ambiente a secretaria dele é a que mais injeta dinheiro no município, mais assim não é a secretaria quem recebe é o município em nome da secretaria por que tem essas atividades dos bombeiro e outras atividade que eles faz ai do meio ambiente e que eles vão mandando os relatório e a medida que vai aumentando as atividade vai aumentando o recurso que entra pro município, como nois na secretaria de cultura nessa parte cultural nunca ligamos pra isso, num tem recurso também, se já tivesse trabalhando nisso desde o inicio talvez seria uma secretaria que tivesse recebendo grande recurso, poderia tá investindo em oficinas em feira nessas coisas. Falta ter alguém lá que

tenha uma visão assim, essa visão de querer trabalhar pra isso e ver que isso é importante e que é possível. Eu já dei ideia de fazer isso aquilo, contrata pessoas pra dar oficina, formar artesão pra participar das feiras, dei essas ideias pra eles.

J: Eles que estão lá que tem mais chances de conseguir alguma coisa pra ajudar né.

N: É, as vezes fico revoltado por que vou ali pra conseguir um transporte e os cara num faz nenhum esforço pra ajudar, ai ce fica revoltado o que que esse povo tão pensando, eu peço não é pra mim eu peço é pra um grupo que sei que tem necessidade.

Quando eu fiz a minha pesquisa nois fizemos foi até lá no Itapicuru, por que na época da minha pesquisa não tinha bolsa, meu curso foi o primeiro, os único que recebeu bolsa foi eu e Marcelo, por causa que nois entramos num projeto também ai apareceu um projeto da secretaria de cultura de construir as mini casa de cultura, ai nois passamos o projeto era muito dinheiro e era pra construir em oito polos, Itapicuru era um polo só que ai quando o projeto aprovou, cortou, só deu pra construir em três polo, ai foi priorizar os polo que já tinha uma iniciativa, ai foi na Pedra Redonda na época que tava fazendo depois que construiu parece que mais, fez uma na Pindaiba que tem um pessoal lá que mexia com telha e fez até as telha pra casa de cultura grande, e a outra mini casa na Veredinha.

Desse projeto conseguiu uma bolsa pra eu e Marcelo pra gente fazer essa pesquisa nossa, tinha vez que tinha que ir pra BH, tinha veis que a gente tinha que pagar pessoa pra fazer tijolo ajudar no projeto que também tinha que ter contra partida nossa que tava na escola, ai foi os únicos que conseguiu a bolsa, mas ai foi bem importante porque nois passamos a ir nessas aldeias bastante reunimos fizemos o levantamento, teve uma lista grande de quem são os artesoes, o que que eles fazem e compramos um kit de ferramentas pra cada um desses polo e pro pessoal da cultura no Itapicuru pro pessoal trabalhar. Foi um kit de ferramenta pra cada um, mais eu percebi agora que talvez não funciona comprar pra todos usarem porque quem não tem responsabilidade podem sumir, então quando formos fazer de outra vez vamos pensar num jeito de comprar apenas para aquele artesão ele pode ter mais cuidado, agora imagina dar ideia de um artesão fazer isso vai aumentar a quantidade de pessoas que faz.

E: No Itapicuru em relação as carteirinha acho que num teve ninguém que fez carteirinha, e lá com osso e madeira mesmo tem Josias que meche, com tamborete tem duas pessoa, tem varias pessoa que meche mas não fez a carteirinha por que é uma forma assim que faz esse trabalho e para, faz e para, quando tem tempo eles trabalha e quando tá ocupado eles param.

N: E podia ter feito, num tinha problema não. Acho que é por que a pessoa pensou assim: num vou tirar a carteirinha por que se eu tirar eu vou ter que fazer todo dia e eu trabalho não dou conta, mais num era assim não, podia ser uma pessoa que fazia de vez em quando, não é porque fez a carteirinha que você vai ser obrigado a produzir todo dia e um tanto não, ce pode fazer a carteirinha e continuar no mesmo ritmo de antes, ai tem gente que acho que pensou num vou tirar porque vai começar exigir de eu vou ter que fazer esse tanto.

E: Acho que foi um pequeno erro deles que deixou muito limitado as pessoas fazer a carteirinha, por que quando li lá tinha que colocar nome número de documento e tal, e tinha algumas pessoas que nem tinha documento ainda e fazia artesanato mais não tinha condição de fazer a carteirinha, como meu primo que não tinha e não pode fazer, e tinha outras pessoas também, ai tinha as outras opções de quem mexia com madeira, osso, tecidos, semente, mas por exemplo, não tinha que mexia com couro. Ai a pessoa pensa, por que vou colocar meu nome se não tem a opção que mexo com couro e madeira exclusivamente, ai ficou um pouco restrito.

N: Aqui nois colocou, lá num tinha e riscamos o nome na folha e colocou outro.

E: Pois é, lá tinha essas pessoas e num colocou, essa folha ficou lá em casa muitos dias e eu pensei em colocar, mais como num tinha a opção eu não coloquei por que lá tem bastante essas pessoas que mexe bastante com artesanato.

N: Agora tá tirando de novo mais só em Januária, a minha eu tirei antes em BH até conversei; ô lá tem uma quantidade grande pra tirar será que tem como ceis fazer isso, ai eles falou se ce conseguir fazer um levantamento com a lista ai a gente vai. Conversei com Nenzinho, fui mandando papel pro pessoal eles foram me mandando e fui mandando pelo zap, fiz mudança onde não tinha a opção e mandei.

J: Na carteirinha fala exclusivamente com o que trabalha?

N: Fala. Alguns não fizeram por que não tinha a idade, o Geilson mesmo ele faz cachimbo de madeira faz estatuas mais não fez o cadastro por que é de menor, ele estuda o segundo ano do ensino médio, é preciso investir nisso dele por que ele tem habilidade de repente ele sai ai pra fora e nem volta mais. As vezes ce tá conversando com um artesão e ele não se identifica como artesão.

E: Como você falou no caso da cerâmica mesmo que os mais velhos fazia e deixou de fazer principalmente com as novas tecnologias, agora como a geladeira foi parando de fazer as muringas e os potes, mais o que tava faltando era reinventar o artesanato e colocar mais detalhes para chamar a atenção e conseguir dar uma visibilidade maior pra esses artesanatos e

não parar de fazer. Depois que reinventou a cerâmica colocou novas formas as pessoas se interessou mais, acho que seria importante fazer em todos os artesanatos por que seria uma forma de reinventar a cada dia e ai cada dia chama mais atenção esse tipo de artesanato.

E: As pessoas querem novidades.

N: O pessoal tava acostumado fazer mais pra uso, hoje já faz como uma arte e tem que por sua marca a marca do seu povo e muitos não faz isso. A primeira feira que vai tá presente os doze povos de Minas Gerais; Xucuru Kariri, Kaxixó, Pataxó, Kariri, Maxacali, Krenak, Puri, Araxá, Xakriabá, Aranã, Pankararu, Mukuri e Tuxá, daqui tá indo Lú do Sumaré tá indo Zé Santana e tia Zelina da Veredinha pra essa feira grande em Teófilo Otoni e essas eles vão arcar com tudo.

O forno colonial leva de oito à doze horas para fazer a queima tem que ir fazendo o controle, já a queima no Buraco leva de seis à oito horas. Os Xakriabás mais antigos usava esse método por que não conheciam o forno colonial que só chegou depois, eles tinha que queimar sem o forno, então fazia esse tipo de queima, pessoas mais velhas que eu entrevistei falou que esse tipo de queima é muito perigoso por que teve pessoas que fazia esse tipo de queima tomou um vento e travou tudo, adoecia e morria. Essa era a forma primitiva de queima. O moço que me falou ele falou que a Vó dele usava o forno, enchia ele de peça que ela fazia muita peça e não cabia mais ai ela fazia um buraco lá em volta e fazia as duas queima ao mesmo tempo, no mesmo dia ela fazia isso.

J: Como eles descobriram a queima no buraco e como o forno colonial chegou aqui você sabe?

N: Essa história eu não sei muito não, o forno colonial o pessoal fala que quando os portugueses chegaram eles teve que começar produzir as telhas, quem fazia a produção das telhas era os escravos e os escravos muitas vezes eram indígenas também e ai eles trouxe isso pra cá e o pessoal foi aprendendo começando usar esse tipo de forno pra produzir as telhas pra fazer o curral as construção, e ai a história do daqui eu não sei, o pessoal não tem uma história certa, mais um professor meu falou que a queima de cerâmica ela é milenar, em um relato de um cara que fazia as vasilhas de cerâmica para guardar alguma coisa que não fosse água, fazia e tinha o habito de cender fogo para aquecer de noite e numa dessas vezes pegou fogo num monte de coisa e tinha uma peça de cerâmica junto ai peça queimou no fogo e eles viu que ficou boa, a partir daí começaram fazer a queima da cerâmica isso foi professor que falou pra mim. Mas eu nunca tive essa curiosidade de pesquisar pra entender como é que a humanidade descobriu essa tecnologia de ter que queimar o barro pra virar a cerâmica. A queima no

buraco foi uma das ultimas descobertas que eu fiz já no final da pesquisa. Um que eu entrevistei falou tem esse tipo de queima eu perguntei o senhor já fez? Não, minha mãe fazia minha vó fazia tudo que ele falou eu coloquei no papel fiz umas dez peças e fiz a queima.

As minhas aulas eu costumo fazer oficinas aqui em casa pra ter mais tempo, ai os alunos vem e a gente faz a oficina que equivale a quatro aulas, da tempo de a gente fazer as peças e no final eles leva pra casa, assim eles pega o processo todim, saímos pra pegar o barro, preparamos e na próxima oficina modelamos e fazemos o acabamento e a pintura e no final faz a queima, cada processo é uma aula. Nois mermo leva o enxadão a cavadeira, explica pra eles como tem que ser o barro e qual é melhor, chegando aqui a gente faz, eu pego ele e preparo aqui pra poder tirar a sujeira, bater e passar numa peneira ou moer num desintegrador e deixa curtir pra preparar bem pra poder queimar. Quem quiser aprender pode até marcar comigo uma hora vaga que eu posso ensinar fazer.

Aqui é bem tranquilo pra pegar o barro, como o próprio nome diz Barreiro Preto, aqui tudo tem barro se cavacar meio metro já da numa argila boa, só que eu num tiro num lugar só, nois pega ali na grotta tem outro lugar lá em baixo, lá em cima, eu num pego em um lugar só não, aqui mesmo do lado foi uma valeta que fez pra agua descer ai ela foi alargando ficando funda e eu comecei pegar a argila aqui mesmo, só que eu controlo porque se tirar muito vai virar uma erosão por causa da enxurrada que desce e vai desbarrancando dos lados, ai tem que ter esse controle de não pegar a matéria só em um lugar.